

Formulário para a patrimonialização da língua Kwazá
Baseado no levantamento demográfico realizado em 2015
por Hein van der Voort em cooperação com a comunidade Kwazá

PARTE I – Formulário do INDL

Módulo 1

Identificação da Pesquisa

Este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre o modo como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível), o tipo de instituição e as credenciais da equipe, ou seja, um conjunto de informações básicas sobre a experiência dos membros da equipe, sua experiência com a(s) língua(s) inventariada(s) com a(s) comunidade(s) linguística(s) em questão e outras pesquisas correlatas.

Nome da Instituição	Museu Paraense Emílio Goeldi
Nome do responsável pela instituição	Dra. Ana Luisa Kerti Mangabeira Albernaz Diretora do Museu Paraense Emílio Goeldi
Endereço da Instituição	Parque Zoobotânico: Av. Magalhães Barata, 376 CEP 66040-170, Belém, PA Campus de Pesquisa: Av. Perimental, 1901, Terra Firme CEP 66077-830, Belém, PA
Nome do responsável pela pesquisa	Hendrikus (Hein) G.A. van der Voort
Contatos (e-mail e telefone) do responsável pela pesquisa	hvoort@museu-goeldi.br 091-32176016 091-980564322
Tipo de Instituição (Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição)	[4]

Tabela de códigos - Tipos de Instituição	
[1] Associação/Representação de falantes	[6] Instituição Pública Municipal
[2] Terceiro Setor	[7] Ponto de cultura ou similar
[3] Instituição Privada	[8] Instituição Religiosa
[4] Instituição Pública Federal	[9] Fundação
[5] Instituição Pública Estadual/Distrital	[10] Outra (<i>especificar</i>)

Credenciais da equipe

Dr. Hendrikus Gerardus Antonius van der Voort, *nom de plume* Hein van der Voort, doutorado em 2000 pela Universidade de Leiden (Leiden, Países Baixos), CV Lattes <<http://lattes.cnpq.br/8723849507527234>>, tem extensa experiência com descrição linguística, tendo trabalhado desde 1995 com várias línguas indígenas brasileiras diferentes, sobre as quais publicou artigos e livros. Sua experiência maior é com as línguas isoladas de Rondônia, sobretudo o Kwazá, mas também com Aikanã e Kanoé, da mesma região. Além disso, trabalhou intensivamente com as línguas Arikapú e Djeoromitxí (subfamília Jabutí, que é um dos ramos da família Macro-Jê). Por final, tem realizado documentação limitada de algumas outras línguas de Rondônia: Latundê (família Nambikwara) e Wayoró, Tuparí, Makuráp, Akuntsú e Salamã (todas da família Tupí). Além destas línguas, o Dr. van der Voort também trabalhou com falantes de línguas de outras partes do mundo, sobre as quais publicou também. O Dr. van der Voort sempre considerou aspectos sociolinguísticos, históricos e antropológicos das comunidades de falantes de todas estas línguas e é coordenador de um projeto de documentação abrangente de língua e cultura Aikanã e Kwazá, financiado pela Fundação Volkswagen, dentro do programa alemão DobeS (Descrição de Línguas Ameaçadas).

[Observação: Ao longo do formulário eu (Hein van der Voort) criei às vezes minhas próprias observações, indicado em itálico como *Obs. HV*:]

2. Identificação da pesquisa

2.1 Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngue. Por exemplo, “Inventário da língua juruna”, “Inventário da região do lavrado de Roraima”, etc.

Inventário da Língua Kwazá

2.2 Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário, assim como a(s) língua(s) correspondente(s) cuja inclusão no INDL é solicitada.

<input checked="" type="checkbox"/> Produção de conhecimento para inclusão no INDL	De qual/quais língua(s)? Kwazá
<input type="checkbox"/> Produção de conhecimento de língua já incluída no INDL	De qual/quais língua(s)?
<input type="checkbox"/> Outro. Explique:	Qual? Sobre qual/quais língua(s)?

2.3 Identificação e síntese da(s) língua(s)

Faça um breve texto descritivo, contendo uma síntese de informações e dados levantados durante a pesquisa sobre as línguas inventariadas, como, por exemplo, nome da língua, região de origem, localidades onde a língua é falada, número estimado de falantes, etc. Crie um novo campo para cada língua inventariada.

Nome da língua: Kwazá
Síntese: A língua Kwazá é uma língua genealogicamente isolada, falada ou entendida por aproximadamente 45 indivíduos em uma população de aproximadamente 50 nas T.I.s Tubarão-Latundê, Kwazá do Rio São Pedro e em várias cidades em Rondônia. Ainda pode ter alguns descendentes de Kwazá fora do estado.

Os Kwazá moravam tradicionalmente na região dos rios São Pedro e Taboca, cabeceiras do lado esquerdo do rio Pimenta Bueno ou Apediá, no sudeste do Estado de Rondônia. Os povos vizinhos tradicionais eram os Aikanã (sob vários nomes, língua isolada), Kanoê (língua isolada), Salamã (língua Tupí) e Kepkiriwat (língua Tupí extinta), e, a uma distância um pouco maior, os Sakurabiat (língua Tupí) e povos das cabeceiras do rio Branco. Hoje em dia, a maioria dos Kwazá mora em reservas indígenas com os Aikanã e remanescentes dos povos Latundê, Salamã e Sabanê.

Os Kwazá são conhecidos na literatura (Rondon 1916, Rondon & Faria 1948, Dequech 1942, 1988-1993, Zack 1943), também como Koaiá (em ortografia variável: Coaiá, Quaiá etc.), o que corresponde à pronúncia pelos Salamã e Kepkiriwat, enquanto o nome Kwazá reflete a pronúncia pelos Aikanã (a língua Kwazá não possui /z/ nem [z]). Além disso, os Kwazá foram também referidos na região e em antigos relatórios da FUNAI (Galvão 1980) pelo apelido Arara, mas essa denominação é rejeitada pelos Kwazá e atualmente não é mais usada. A autodenominação é Kwazá (na própria ortografia padrão sem acento agudo como Kwaza, mas às vezes em ortografia confusa como Quasar, Coasar, Kuazá, etc.). A etimologia da autodenominação não está conhecida (apesar da existência de hipóteses sem evidência) e provavelmente vem de uma língua vizinha. As autodenominações tidas pelos próprios Kwazá como originais aparentemente referem a subgrupos tradicionais, *tsârã txinûtenahere* ‘gente da terra grande’ e *tsârã txuhûinahere* ‘gente da terra pequena’. Um apelido que os Kwazá às vezes usam para si mesmo é *kûcênahere* ‘gente do castanha-do-pará’. Existem outras denominações que são pouco conhecidas (van der Voort 2004: 729-731).

[**Observação:** Referências bibliográficas estão listadas no final do formulário.]

3. Escopo do inventário

Selecione a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para a inclusão no INDL. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

- Inventário básico
 Inventário amplo

4. Documentação de Anuência

4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja informado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessária a anexação de documentação impressa ou audiovisual conforme normatização pertinente (consultar Seção 4.2, Volume I do Guia, para obter informações sobre anuências”. O Suplemento Metodológico traz exemplos de documentação de anuência.

Anexar/Fazer upload de arquivos(s)

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “1.4.1 etc.”]

4.2 Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL.

Anexar/Fazer upload de arquivos(s)

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “1.4.2 etc.”]

5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscreverem no formulário quanto à abrangência e à natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observação do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados (para mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados, consultar o Volume I do Guia).

5.1 Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa, isto é, se houve trabalho em campo para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários.

- Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

Sim

Não

- Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo. Ex.: Módulo Identificação e caracterização da língua de referência – 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas; Módulo Diagnóstico sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão.

- falantes
- aquisição
- transmissão
- amostras de uso

- Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

Quais tipos de dados foram atualizados em campo?

- falantes
- aquisição
- transmissão

Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização?

- amostras de uso

5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir servem para identificar o modo como o levantamento da população da comunidade e do número de falantes foi realizado e como os tipos de falantes foram definidos em cada pesquisa.

- Como foi feito o levantamento da população da comunidade?

Selecione uma das opções. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

levantamento populacional total
 estimativa por amostragens
 estimativa por dados secundários
 outros

Observações:

Os dados demográficos deste levantamento são de novembro do ano 2015 e de abril do ano 2017. Não houve atualização depois disso.

▪ Como o número de falantes foi obtido?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

<input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input checked="" type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input type="checkbox"/> outros
Observações: Para o levantamento em várias famílias tive a ajuda dos adultos para a avaliação o domínio da língua pelas crianças.

▪ Como foram aferidos os tipos de falantes?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

<input type="checkbox"/> testes de proficiência <input type="checkbox"/> autodeclaração <input checked="" type="checkbox"/> pesquisador falante <input checked="" type="checkbox"/> conhecimento geral de pessoa chave <input type="checkbox"/> outros
Observações: No caso que meu próprio conhecimento não foi suficiente, os próprios falantes indicaram o nível de conhecimento de outros membros da população (especialmente de crianças).

5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os proponentes são convidados a fazer uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas.

Item	Especificar necessidade de aprofundamento
5.2	Testes detalhados de proficiência poderiam ajudar em refinar o resultado, que seria interessante para estudos sociolinguísticos, mas que não é necessário para os fins deste levantamento.

6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa, contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem (consultar Seções 4 e 5 do Volume I do GUIA para questões sobre territorialidade e delimitação geodemográfica da pesquisa).

6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

Exemplos: “Território da Língua Guarani Mbya”; “Comunidade Pomerana do Espírito Santo”, etc.

Terra Indígena Tubarão-Latundê Terra Indígena Kwazá do Rio São Pedro

6.2 A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

<input type="checkbox"/> num recorte limitado das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)

na totalidade das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
 numa região com várias línguas (inventário regional)

6.3 Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique e nomeie países, estados, municípios, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas (quando for o caso) abrangidos pela pesquisa em questão.

	Quantos?	Quais?
Países	1	Brasil
Estados	1	Rondônia
Municípios	4	Chupinguaia Parecis Pimenta Bueno Vilhena
Terras Indígenas	2	Terra Indígena Tubarão-Latundê Terra Indígena Kwazá do Rio São Pedro
Territórios Quilombolas	0	

6.4 Identificação das localidades de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada localidade dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome da localidade em português, se houve visita *in loco* pela pesquisa (ou seja, se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada localidade, a localização geográfica e as línguas faladas na localidade junto com o número **estimado** de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para acrescentar mais línguas.

[Obs. HV: somente falantes fluentes e razoáveis]

Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	Número de falantes por língua identificados pela pesquisa
T.I. Tubarão-Latundê	<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	12°30' S (Lat. (X)) 60°45' O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Chupinguaia	<input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input checked="" type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial	Aikanã	156
						Kwazá	15
						Latundê	18
						Mamaindê	4
						Manduca	1
						Negarotê	2
						Tawandê	1
						Salamã	1
						Tuparí	1
Português	240						
T.I. Kwazá do Rio São Pedro	<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não	12°22' S (Lat. (X)) 61°22' O (Long. (Y))	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Parecis	<input type="checkbox"/> Urbano <input checked="" type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input checked="" type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial	Aikanã	19
						Cinta Larga	1
						Kwazá	8
						Português	54

➤ *Se houver interesse, preencha o formulário de cadastramento para as demais línguas que foram identificadas na área de abrangência de pesquisa, mas que não são objetos desse levantamento.*

6.5 Área(s) focal(is) da pesquisa

Se o inventário delimitou uma ou mais áreas focais de pesquisa, identifique-as no quadro abaixo (preencha um quadro para cada área focal delimitada pelo inventário).

Denominação da área focal	
Localidades circunscritas à área focal	
Motivações Por quais razões o inventário delimitou essa área focal? Que tipos de questões de	
Que tipos de pesquisa ela serviu para responder?	

6.6 Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

Anexar arquivos ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)
[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “1.6.6 etc.”]

Módulo 2

Caracterização Territorial

Este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, as principais localidades de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se de que a partir desse módulo, os proponentes dos inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

1. Identificação das localidades onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificadas as localidades de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

[Obs. HV: Qual é a definição de “área levantada pela pesquisa”? Essa definição inclui a exigência que o pesquisador tenha visitado pessoalmente o local, tirado fotos, feito gravações? Pode ser um local não visitado de onde vieram gravações? Pode ser um local levantado em base de conhecimentos de terceiros (p.ex. um assistente indígena)]

1.1 Localidades de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de localidades onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais localidades sejam conhecidas, preencha o quadro em 1.1.1 (somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas).

- Existem localidades onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

[Obs. HV: Isso depende da definição de “área de abrangência da pesquisa” (veja também observação acima)]

<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não
------------------------------	---

1.1.1 Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
	_____ (Lat. (X)) _____ (Long. (Y))	País: Estado: Município:	<input type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial

1.2 Localidades de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático da(s) localidade(s) de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole na tabela abaixo as localidades onde foi identificada a língua de referência). Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada localidade na língua de referência (quando houver).

Selecione, no espaço apropriado, as localidades que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todas as localidades deverão ser selecionadas. Compreende-se a comunidade de referência como os grupos sociais com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes. Conferir Volume I, seção 4, do Volume, para obter maiores detalhes sobre essas noções.

[Obs. HV: devido a ambiguidades e circularidades não resolvidas na terminologia envolvida tomei a seguinte decisão:

- “comunidade linguística” = todos os membros da etnia Kwazá + falantes do Kwazá como L1 + falantes do Kwazá como L2 (mesmo se são de outra etnia) em todos os locais.
- “comunidade de referência” = todos os membros da etnia Kwazá + falantes do Kwazá como L1 + falantes do Kwazá como L2 (mesmo se são de outra etnia) nas T.I.s Tubarão-Latundê e Kwazá do Rio São Pedro (e cidades envolventes próximas).]

Nome da localidade em Português	T.I. Tubarão-Latundê
Nome da localidade da língua de referência	T.I. Tubarão-Latundê
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Nome da localidade em Português	T.I. Kwazá do Rio São Pedro
Nome da localidade da língua de referência	T.I. Kwazá do Rio São Pedro
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

2. Caracterização do território da língua

2.1 Padrão de distribuição geográfica das localidades de ocorrência da língua

- Com relação à população falante da língua

Marque no quadro abaixo a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

- Concentrada em uma área geográfica
 Dispersa em áreas geográficas descontínuas

▪ Com relação ao padrão de residência em locais urbanos

Para cada linha, marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência em relação aos espaços rurais e urbanos.

- A comunidade linguística é **majoritariamente rural** e há **poucos falantes** em áreas urbanas
 A comunidade linguística é **majoritariamente rural**, mas há **muitos falantes** em áreas urbanas
 A comunidade linguística é majoritariamente urbana
 Há um movimento crescente de migração dos falantes para áreas urbanas
 Não há movimentos significativos de migração dos falantes para áreas urbanas

2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Para todas as localidades na área da comunidade de referência, preencha as informações do quadro abaixo. Utilize um quadro para cada localidade. Utilize o mesmo nome para a localidade que foi utilizado no quadro 6.4 do módulo de identificação da pesquisa.

Nome da Localidade	T.I. Tubarão-Latundê
Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	<input type="checkbox"/> População de falantes da língua é majoritária <input checked="" type="checkbox"/> População de falantes da língua é minoritária <input type="checkbox"/> População de falantes e não falantes é equilibrada (\pm 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referência vive nesta localidade	<input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 25 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há mais de 100 anos <i>[Obs. HV: a população mora desde 1973 na T.I., que faz somente uma parte pequena do território original do povo vizinho Aikanã.]</i>
Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	<input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade <input checked="" type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde <input checked="" type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	<input checked="" type="checkbox"/> A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais <input checked="" type="checkbox"/> A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações:	

Nome da Localidade	T.I. Kwazá do Rio São Pedro
Demografia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	<input type="checkbox"/> População de falantes da língua é majoritária <input checked="" type="checkbox"/> População de falantes da língua é minoritária <input type="checkbox"/> População de falantes e não falantes é equilibrada (\pm 50% para cada)
Temporalidade Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referência vive nesta localidade	<input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há mais de 100 anos <i>[Obs. HV: a T.I. foi aberta em 1999, mas faz parte de uma região onde moravam os Kwazá desde tempos imemoriais]</i>
Infraestrutura Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	<input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade <input type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde <input type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
Economia Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	<input checked="" type="checkbox"/> A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais <input checked="" type="checkbox"/> A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
Observações:	

2.2.1 Síntese das características da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área ocupada pela comunidade de referência da língua para a pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivam na área pesquisada. Caracterize as localidades de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre elas. Se área de pesquisa for muito diversificada, caracterize essa diversidade.

Características sociais [*Obs. HV: conceito muito vago*]

Tem dois locais da comunidade de referência: a T.I. Tubarão-Latundê e a T.I. Kwazá do Rio São Pedro. Na T.I. Tubarão-Latundê os Kwazá representam uma população minoritária, igual os Latundê, dentro da comunidade majoritária Aikanã. Na T.I. Kwazá do São Pedro, os Kwazá e os Aikanã formam uma população mais mista e de proporções mais iguais. (Note que os mesmos locais representam os locais da comunidade de referência do Aikanã, e T.I. Tubarão-Latundê é também comunidade de referência do Latundê.)

Ambos locais estão divididos em várias aldeias em diferentes lugares das reservas. Na T.I. Tubarão-Latundê, essa distribuição está caracterizada em certa medida (mas não acentuadamente) por fronteiras étnicas.

Os contatos com a cultura ocidental mudaram muito a vida desses grupos. Desde então trabalhavam muito como seringueiros, inicialmente sob condições de semi-escravidão, e a partir dos anos 1960 sob lideranças indígenas, até o final dos anos 1990.

Na T.I. Tubarão-Latundê, as lideranças não têm um grande poder e são cobrados muito pela falta de iniciativas que podiam beneficiar a comunidade. A comunidade não mostra grande coesão e conflitos internos são comuns. Na T.I. Kwazá do São Pedro as lideranças têm um papel mais claro e em vez de ser cobrados, eles desenvolvem iniciativas e cobram apoio das autoridades.

Apesar de haver conflitos e algumas rachaduras importantes, dentro dessas aldeias têm uma boa coesão, provavelmente devido a laços familiares fortes.

Características geográficas

Ambas as terras se localizam no sudeste de Rondônia, na bacia do alto rio Madeira. A T.I. Tubarão-Latundê está na margem direita do rio Pimenta Bueno na altura das cabeceiras, e está conectada com a cidadezinha Chupinguaia por 10 km de estrada de chão e com as cidades de Vilhena e Pimenta Bueno a uma distância de 150 km de rodovia asfaltada na RO-391 e BR-364. Existe serviço precário de ônibus a uma distância de 10 km.

A T.I. São Pedro está na margem esquerda do rio São Pedro na altura das cabeceiras, e está numa localização com relativamente difícil acesso aos focos urbanos, orientado principalmente para a cidade de Pimenta Bueno, a uns 75 km de estrada de chão da rodovia RO 494 e 15 km asfaltados de rodovia RO-010. Existe serviço precário de ônibus a uma distância de 15 km.

Características ecológicas

Ambas as terras estão dentro do bioma amazônico. Nos meses outubro até maio há períodos de chuva intensos. Entre junho e setembro é a estação da seca, com períodos de friagem (com temperaturas que chegam abaixo de 10 graus Celsius) geralmente de curta duração.

A T.I. Tubarão-Latundê é caracterizada em sua maior parte por savana e uma menor parte por floresta amazônica. Como vários córregos e suas cabeceiras estão inteiramente dentro da terra, não há poluição por agrotóxicos. Infelizmente, grandes partes do solo são arenosas e pouco férteis.

A T.I. Kwazá do São Pedro é caracterizada em sua maior parte por floresta amazônica e uma pequena parte por savana. As terras são bastante férteis.

A partir do final dos anos 1990, o desmatamento ao redor das terras chegava a cada ano mais próximo e hoje está adjacente à linha de demarcação na maior parte, desrespeitando a zona de proteção de terras da União, determinada por lei.

Econômicas

Tradicionalmente as comunidades viviam da caça, pesca e da plantação de roça. É possível que, com a entrada dos seringalistas em 1915 na região, os indígenas tiveram contatos, nos quais os Kwazá conseguiram objetos de metal e talvez trabalhavam em troca disso, mas essa época não foi documentado (o primeiro registro 'pós-contato' é de 1938). Nos anos 1950, a maioria do povo Kwazá já havia sido dizimada e vivendo entre os Aikanã. Nos anos 1960 vários grupos trabalharam na abertura da BR-364 e possivelmente alguns Kwazá estavam envolvidos. Após o fechamento e loteamento dos antigos seringais pelo INCRA, os Kwazá e Aikanã continuaram na extração de seringa por conta própria, até 1997, quando os preços da borracha ficaram baixo demais, e as comunidades abandonaram definitivamente esse trabalho pesado, que prejudicava a saúde e que acabava com os carros comunitários. A extração de madeira sempre tem representado uma fonte de renda também. Nos últimos anos alguns Kwazá estão tendo empregos em função pública dentro da T.I. São Pedro, como assistente de saúde, professor indígena, etc., pagos pelo governo. Mesmo que a caça e a plantação de roça continuam importantes fontes de subsistência, especialmente os jovens tendem a procurar empregos formais ou informais para poder também comprar coisas na cidade.

Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre as localidades de ocorrência da língua

Fora das comunidades de referência T.I. Tubarão-Latundê e T.I. Kwazá do São Pedro há mais localidades onde moram membros da etnia, a saber, as cidades de Vilhena, Chupinguaia, Pimenta bueno. Um fator que todas essas localidades têm em comum é que o Kwazá representa uma língua minoritária dentro de um contexto multilíngue. Multilinguismo de fato caracteriza também a maioria das outras línguas no sul de Rondônia e provavelmente reflete a situação tradicional nessa região (Lüpke et al. no prelo).

As diferenças são que, fora das comunidades de referência, a língua, ou não está sendo usada dentro das famílias, ou é extinta, enquanto dentro das comunidades de referência Kwazá é a língua

usado dentre certas famílias. Entre as comunidades de referência as diferenças são que T.I. Tubarão-Latundê é geograficamente e demograficamente muito maior que T.I. Kwazá do São Pedro, o número de falantes da língua majoritária Aikanã é muito maior na T.I. Tubarão-Latundê do que na T.I. Kwazá do São Pedro, e a T.I. Tubarão-Latundê tem uma diversidade linguística tradicional de comunidades de referência maior, incluindo Kwazá, Latundê e Salamã, enquanto T.I. Kwazá do São Pedro tem somente as línguas Kwazá e Aikanã (desconsiderando, então, línguas encontradas em casamentos acidentais por indivíduos de outras comunidades de referência, como Cinta Larga, Negarotê, Sabanê, Sakurabiat, Tuparí e outras).

Síntese das situações de risco para a comunidade linguística e a língua

Situações de risco em T.I. Tubarão-Latundê e T.I. Kwazá do São Pedro: desintegração da sociedade devida a pressões culturais e econômicas ocidentais, principalmente pela extração ilegal de madeira, que prejudica o meio ambiente, divide as comunidades, traz ou consolida o alcoolismo, uso de drogas, doenças de vários tipos e causa conflitos internos graves. Em certas situações o proselitismo do cristianismo evangélico tem levado à diminuição de tais efeitos negativos, como o alcoolismo, mas em outras situações, o modelo cultural ocidental (que inclui o cristianismo), tem contribuído a divisões sociais e ao desaparecimento de certas tradições como a música indígena e a pajelança. Especialmente na T.I. Tubarão-Latundê a pressão cultural e ecológica ocidental prejudica a integridade da sociedade e leva a um processo lento de abandono da língua indígena. Na T.I. Kwazá do São Pedro as tentativas para preservar as línguas e identidades indígenas parecem mais conscientes e fortes, a terra é mais protegida por sua localização distante dos focos urbanos; porém a pressão ecológica e social devido à extração de madeira também está grande.

Outros fatores ecológicos que seguramente têm o efeito de prejudicar a comunidade e as suas línguas são o avanço de desmatamento nos arredores das suas terras e o uso de agrotóxicos nessas áreas desmatadas. De fato, a causa do desaparecimento das línguas indígenas de Rondônia está visível até mesmo do espaço: nas fotos de satélites as linhas de demarcação das terras indígenas são cada ano mais claramente visíveis. Atualmente as formas exatas das terras indígenas como desenhadas nos mapas cadastrais já chegaram a ser reconhecíveis em manchas verdes dentro de um mar de cinzas. Se queremos proteger o patrimônio que as línguas indígenas representam, precisamos proteger as sociedades indígenas e as terras onde elas moram. Por isso, os planos atuais do governo para abrir as terras indígenas para garimpagem e outras formas de extração unilateral de recursos naturais e arrendamento de terras públicas representam uma ameaça a mais.

Situações de risco nas localidades fora das comunidades de referência: nas cidades a língua tem uma grande chance de não mais ser transferida para as novas gerações. A língua tende a estar somente usada quando pessoas da comunidade de referência visitam.

Três situações concernem especificamente o Kwazá: (1) Os Kwazá não representam mais uma comunidade coerente de falantes da língua. A língua é falada diariamente em duas famílias, enquanto em outras famílias é falada somente por um ou alguns indivíduos. O tamanho pequeno da etnia está levando a sua fragmentação por casamentos interétnicos e as novas gerações já crescem aprendendo Aikanã ou Português como língua da casa e da comunidade. (2) Uma família Kwazá na T.I. Tubarão-Latundê possui também uma moradia na cidade, que é usada nas épocas quando as crianças atendem a escola. A língua Kwazá está sendo aprendida e falada em ambos os contextos, mas os jovens estão começando a preferir usar o Português. (3) Em uma família Kwazá na T.I. Kwazá do São Pedro, o *pater familias* fala somente Português e não gosta muito que a esposa (que é até assistente indígena de língua materna) passa a língua Kwazá para os filhos.

2.3 Dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem as localidades de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário informar do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação das localidades no item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

Nome do local	Anexar/ Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades
T.I. Tubarão-Latundê	[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “2.2.3 TI Tubarao etc.”]
T.I. Kwazá do Rio São Pedro	[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “2.2.3 TI Sao Pedro etc.”]

2.4 Mapa(s) de distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.

Anexar arquivo(s) ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “2.2.4 etc.”]

Módulo 3

Comunidade Linguística

1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística pode ser classificada como:

Selecione a classificação adequada para a comunidade linguística.

<input checked="" type="checkbox"/> Indígena	→ Identificar a(s) etnia(s) Kwazá
<input type="checkbox"/> De imigração	→ Identificar país/região de origem
<input type="checkbox"/> Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Outra. Explique	
<input type="checkbox"/> Não-especificada	

2. População da comunidade linguística

2.1 População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa.

62

2.2 Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

65

3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

3.1 Histórico

Sintetize o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas**, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

A língua Kwazá é falada pela etnia de mesmo nome, nas T.I.s Tubarão-Latundê, Kwazá do Rio São Pedro e em várias cidades em Rondônia.

Os Kwazá moravam tradicionalmente na região dos rios São Pedro e Taboca, cabeceiras do lado esquerda do rio Pimenta Bueno ou Apediá, no sudeste do Estado de Rondônia. Os povos vizinhos tradicionais eram os Aikanã (sob vários nomes, por. ex. Huari, Massaká, Kassupá, etc., língua isolada), Kanoê (língua isolada), Salamã (língua Tupí) e Kepkiriwat (língua Tupí extinta), e, a uma distância um pouco maior, os Sakurabiat (língua Tupí) e povos das cabeceiras do rio Branco. Hoje em dia, a maioria dos Kwazá mora em reservas indígenas com os Aikanã e remanescentes dos povos Latundê, Salamã e Sabanê.

Os Kwazá são conhecidos em fontes antigos como Koaiá (também escrito Coaiá, Quaiá etc.). Uma senhora idosa da etnia Salamã afirmou que os Salamã referiram aos Kwazá com o nome Kwaya' (com o sufixo coletivo -'e 'povo de-' da língua Salamã). Atualmente são conhecidos como Kwazá (escrito variavelmente como Quasar, Coasar, Kuazá, etc.). A autodenominação, porém, é pronunciado como Kwazá, e na ortografia indígena prática é escrito como Kwaza, sem acento agudo.

Apesar de falar línguas completamente diferentes, teve contato entre os Kwazá e os seus vizinhos mais próximos, em forma de guerras, alianças, festas, casamentos e comércio de troca. Esse intercâmbio resultou em tantas semelhanças entre as culturas desses povos, que se pode falar de um complexo cultural. A antropóloga Denise Maldini (1991) não explicitamente inclui os Kwazá no que ela chamou o "Complexo Cultural do *Marico*", mas pela descrição é muito provável que também os Kwazá, Aikanã e Kanoê pertenciam a este complexo. Os contatos resultaram também em certas semelhanças lexicais e gramaticais entre as línguas desses povos, razão pela qual Crevels e van der Voort (2008) levantaram a hipótese de que as línguas da região fronteira que cobre os lados bolivianos e brasileiros dos rios Guaporé e Mamoré fazem parte de uma área linguística, a "Área Linguística Guaporé-Mamoré", que consiste em várias subáreas.

Provavelmente os primeiros contatos documentados entre os Kwazá e a sociedade ocidental se deram no início do século XX. Essa primeira época de contato levou a uma grande mortalidade indígena, principalmente pela introdução de doenças contagiosas, como influenza e sarampo, contra os quais os povos indígenas da região não tinham imunidade. Essas epidemias continuaram decimar povos indígenas no sul de Rondônia até nos anos 1980.

Os Kwazá foram mencionados pela primeira vez em 1913, sob o nome "Coaiá", num mapa feito pela Comissão Rondon (cf. Rondon & Faria, 1948) e no relatório publicado (Rondon 1916). Rondon não encontrou os Kwazá, mas recebeu as informações dos Kepkiriwat, que localizaram os Kwazá no rio São Pedro (no mapa chamado *Djarú-Jupirará*) e no igarapé Taboca (*Jucup-Cauó* no mapa).

Quando o antropólogo Lévi-Strauss (1955) visitou a região em 1938, ele encontrou uma aldeia etnicamente mista de "Mondé" na beira do rio Pimenta Bueno, que eram predominantemente Índios Salamã. Era provavelmente a aldeia Salamã dentro do território dos Aikanã, qual os idosos Aikanã localizam na foz do rio Kapasura/Rio do Ouro (Comunidade Aikanã 2010). Entre eles estavam alguns Índios Kwazá, provavelmente sobreviventes das epidemias, e possivelmente teve alguns Aikanã também. Lévi-Strauss registrou uma pequena lista de palavras Kwazá, mas não conhecia o nome da etnia e identificava o povo como "Índios do rio São Pedro", obviamente porque contaram para ele que eram oriundos daí (van der Voort, 2004). Quando foi publicado o livro de fotos do companheiro de viagem do Levi-Strauss, o etnógrafo Luiz de Castro Faria (2001), os adultos Kwazá e Aikanã reconheceram uma mulher Kwazá nas fotos, a Yãtsimiu, também conhecida como Makitxa ou Madalena, que tinha falecida na T.I. Tubarão-Latundê por volta de 1986.

No final dos anos 1930 a "Marcha para o Oeste" do governo Getúlio Vargas levou a várias expedições na região, o que resultou em alguns registros de língua e observações etnográficas (Dequech, 1942; 1943; 1988-93; Zack, 1943). Nessa época, o SPI estabeleceu um posto de

atendimento no lugar chamado Cascata, no território dos Aikanã no alto rio Pimenta Bueno, onde juntaram membros de vários grupos indígenas (Aikanã, Kanoé, Salamã, Mekens) para trabalhar na borracha. Provavelmente os Kwazá frequentavam esse posto também, mesmo que a sua maloca está localizada longe daí, no rio São Pedro (Dequech 1942).

No final dos anos 1930 o SPI começou retirar grupos indígenas da região para liberar as terras para seringueiros. Muitos Índios foram levados para o Posto Indígena Ricardo Franco, hoje T.I. Rio Guaporé, centenas de quilômetros para o oeste, na fronteira com Bolívia. Lá foram juntados partes de dez populações étnicas do sul de Rondônia e foram colocados para trabalhar, uma prática que continuou até os anos 1970. Não existem relatos de Kwazá sendo submetidos a tais deportações e não há descendentes Kwazá na T.I. Rio Guaporé.

Havia grupos arredios Kwazá provavelmente até nos anos 1950. Mas remanescentes dos Kwazá já devem ter sido envolvidos no segundo ciclo da borracha no início dos anos 1940 e continuaram trabalhar para os seringueiros até o fechamento e loteamento dos antigos seringais pelo INCRA. Um grupo misto de Aikanã e Kwazá com alguns Kanoé e Salamã, qual vivia na foz do rio Tanarú, resolveu continuar na extração de seringa por conta própria e mudaram para terras menos cobradas na atual T.I. Tubarão-Latundê no início de 1973. Em 1975 encontraram um grupo Aikanã arredio no interior dessa T.I., o qual se juntou ao resto. Em 1976 encontraram um grupo Latundê, até então isolado, no interior mais remoto da T.I. (Melatti 1976; Galvão 1980; Reesink 2012). Atualmente a T.I. tem cinco aldeias: Gleba, onde vivem Aikanã, Kwazá, Latundê e Salamã; Rio do Ouro, onde vivem Aikanã; Latundê, onde vivem Latundê; Wetsa, onde vive uma família Aikanã-Kwazá; Barroso, onde vive uma família Kwazá.

Um outro grupo de Kwazá e Aikanã vivia na região do rio São Pedro onde trabalharam na extração de seringa com neo-brasileiros desde os anos 1950 até os anos 1990, quando latifundiários e políticos locais aumentaram a pressão nessas terras férteis. Sob a ameaça de violência e com promessas de indenização conseguiram expulsar os seringueiros neo-brasileiros, mas os Índios resistiram, e preferiam morrer a desistir da sua terra. Nessa época os Kwazá procuram a ajuda da FUNAI, do CIMI, dos parentes na T.I. Tubarão-Latundê e até do linguista que estava estudando sua língua (van der Voort 1996; 1997). Como resultado do esforço conjunto, no qual a evidência linguística teve um papel importante, tiveram a sua terra demarcada em 1999 e homologada em 2003 (van der Voort, 2004; 2008). As aldeias atuais são: São Pedro, com uma família Kwazá, Novo São Pedro, com famílias Kwazá e Aikanã; Dois Irmãos, com famílias mistas Kwazá e Aikanã; Água Limpa, com uma família Kwazá.

A extração de seringa parou definitivamente em 1997, quando os preços da borracha ficaram baixo demais, e as comunidades abandonaram definitivamente esse trabalho pesado, que prejudicava a saúde e que acabava com os carros comunitários. A extração de madeira sempre tem representado uma fonte de renda também. Nas últimas décadas membros das comunidades estão tendo empregos em função pública dentro das aldeias, como assistente de saúde, professor indígena, etc., pagos pelo governo. Mesmo que a caça e a plantação de roça continuam importantes fontes de subsistência, especialmente os jovens tendem a procurar empregos formais ou informais para poder também comprar coisas na cidade.

Breves sobrevoos da etnohistória e da situação sociolinguística dos Kwazá (e Aikanã) são de van der Voort (2009c; 2016a; introdução de 2004). As informações sociolinguísticas sobre a T.I. Tubarão-Latundê em Anonby (2009) são confusas e inconfiáveis e mais voltadas para evangelização. Uma fonte imprescindível para a etnohistória dos Latundê, que contém também um levantamento detalhado da história recente dos Kwazá e Aikanã é Reesink (2012).

Anexar arquivo(s) ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)

[Observação: inclusão de arquivos de difícil acesso sob o nome “3.3.1 etc.”]

3.2 Presente

Faça uma síntese sobre a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo?

Na T.I. São Pedro, que é uma terra indígena muito reduzida na grande região original da etnia Kwazá, não havia mais falantes da língua desde os anos 1960 até o século XXI. Somente uma senhora idosa lembrava-se de aproximadamente 20 palavras da sua língua materna. Essa recordação foi um dos fatores cruciais na identificação da terra indígena no final dos anos 1990. Ela era casada com um homem Aikanã, mas na família falava-se somente o Português. Quando os seus filhos casaram com mulheres Aikanã da T.I. Tubarão-Latundê, a língua Aikanã virou a segunda língua mais usada na terra indígena, mas, sem que os homens Kwazá aprenderam o Aikanã. Em 2008, vindo da T.I. Tubarão-Latundê, ingressou uma família Kwazá-Aikanã, onde Kwazá era a língua da casa. Com isso, a língua Kwazá foi reintroduzida na sua região original.

Os atuais falantes da língua Kwazá não constituem mais uma comunidade etnicamente delimitada ou geograficamente centralizada. Há três famílias espalhadas, nas quais a língua está sendo falada. Dessas, duas famílias moram na T.I. São Pedro, onde se fala Kwazá, além do Aikanã e Português, e uma mora na T.I. Tubarão-Latundê e tem também uma casa na cidadezinha Chupinguaia. Todas três famílias vêm de uma família original Kwazá. Além disso, teve uma outra família original Kwazá com Aikanã, cujos membros individuais casaram com Aikanã, Sabanê e uma não-indígena, e que estabeleceram próprias famílias, atualmente morando na T.I. Tubarão-Latundê e na cidade de Vilhena. Nessas famílias, a língua Kwazá não está sendo transferida para as novas gerações, e é usada somente quando membros da família original se encontram. Nessas famílias as línguas da casa são Aikanã e Português. Os progenitores de ambas as famílias originais já eram misturadas de Kwazá e Kanoé na época do SPI.

A situação sociocultural tradicional, brevemente caracterizada em 3.1, mudou-se muito no século XX, devido aos contatos com a sociedade ocidental, que levaram a doenças contagiosas, desapropriação de terras, massacres, deportação, escravidão, aculturação e outros tipos de violência causada pela colonização descontrolada e a destruição ecológica da região. Em consequência, muitos aspectos das culturas material, intelectual e espiritual são bastante parecidos com as da sociedade ocidental envolvente: comida, bebidas, roupas, modos de transporte, arquitetura, economia, mídias, música, medicina, escolaridade, cristianismo, individualismo. Mesmo assim, há ainda muitas expressões de cultura indígena tradicional, como plantio da roça, caça e coleta no mato, a bebida fermentada tradicional *chicha*, remédios do mato, crenças específicas relacionadas à caça e à saúde, estilos de conversação, referências à mitologia tradicional indígena e a linguagem. Nos últimos anos a comunidade está cada vez mais em busca de reafirmação da identidade étnica e está procurando as pessoas mais idosas, as quais guardaram conhecimento tradicional.

A população das cidadezinhas próximas frequentemente possui quase nenhum conhecimento básico sobre os povos indígenas da região (ou do Brasil em geral). Se já sabem que existem povos indígenas morando perto, vários acreditam nos mitos populares, por exemplo que foram “plantados” pela FUNAI e que atrapalham o fenômeno mágico chamado “progresso”. Por outro lado, quanto mais os Kwazá participam na sociedade envolvente — mandando suas crianças ao ensino médio, fazendo cursos no ensino superior, assumindo empregos nas cidades e mantendo casas lá, negociando acordos com empresas que afetam a T.I., etc. — quanto mais essa sociedade envolvente está ficando curiosa sobre a sociedade tradicional dos Kwazá. Conscientizados cada vez mais pelas associações indígenas e outras organizações e pessoas que defendem os direitos indígenas, os jovens Kwazá valorizam aspectos da sua cultura original cada vez mais, procurando saber mais sobre as suas raízes culturais, querendo preservar tradições, lamentando as perdas da história recente, e querendo se autoafirmar como Kwazá através das outras etnias da região e da sociedade envolvente.

Quase toda a comunidade linguística Kwazá fala Português e uma parte fala também o Aikanã. Entre os 25 falantes fluentes da língua Kwazá não há pessoas monolíngues. Existe preocupação sobre a perda gradual da língua indígena, e aquelas famílias onde a língua não mais está sendo falada lamentam isso.

Módulo 4

Identificação e Caracterização da Língua de Referência

1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os proponentes dos inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias, identificando termos pejorativos, etc. Compreende-se por **autodenominações** aquelas que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social. Em **heterônimos** estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As **denominações de ampla circulação** (ou seja, os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para inclusão no INDL (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos (consultar Parte 2, seção 3, para mais orientações sobre essa temática).

Autodenominações	Kwaza, Kūtyēnahere, Tsārã Txinūtenahere, Tsārã Txuhūinahere
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	Os Kwazá são conhecidos na literatura (Rondon 1916, Rondon & Faria 1948, Dequech 1942, 1988-1993, Zack 1943), também como Koaiá (em ortografia variável: Coaiá, Quaiá etc.), o que corresponde à pronúncia pelos Salamã e Kepkiriwat, enquanto o nome Kwazá reflete a pronúncia pelos Aikanã (a língua Kwazá não possui /z/ nem [z]). Além disso, os Kwazá foram também referidos na região e em antigos relatórios da FUNAI (Galvão 1980) pelo apelido Arara, mas essa denominação é rejeitada pelos Kwazá e atualmente não é mais usada. A autodenominação é Kwazá (na própria ortografia padrão sem acento agudo como Kwaza, mas às vezes em ortografia confusa como Quasar, Coasar, Kuazá, etc.). A etimologia da autodenominação não está conhecida e provavelmente vem de uma língua vizinha. O significado do nome como ‘Estrela d’Alva / Vênus’ mencionado em Souza (1999) não foi confirmado. As autodenominações tidas pelos próprios Kwazá como originais aparentemente referem a subgrupos tradicionais, <i>tsārã txinūtenahere</i> ‘gente da terra grande’ e <i>tsārã txuhūinahere</i> ‘gente da terra pequena’, usando o sufixo coletivo <i>-nahere</i> ‘gente, povo, conjunto’. Um apelido que os Kwazá às vezes usam para si mesmo é <i>kūtyēnahere</i> ‘gente do castanha-do-pará’. Existem outras denominações que são pouco conhecidas (van der Voort 2004: 729-731).

Heterônimos	Koaiá, Arara, Kwazá Aikanã
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	Como mencionado na seção sobre autodenominações, o nome Koaiá está registrado em várias fontes do século XX, sob formas ortográficas diferentes. É possível que o nome originalmente vem do Salamã (língua Tupí da família Mondé), que os chamavam de <i>Kwaya’e</i> . Um outro nome encontrado raramente é Arara, que é rejeitada pelo povo e considerada pejorativa.

	Na T.I. São Pedro surgiu recentemente a autodenominação Kwazá Aikanã entre os membros do grupo misto de Aikanã, falantes do Aikanã e casadas com Kwazá, falantes monolíngues do Português. Essa autodenominação é usada como reconhecimento da natureza etnicamente mista do grupo (Aikanã et al. 2019). O nome refere também aos Aikanã e Kwazá fora do grupo, mas não é necessariamente adotado como etnónimo por esses.
--	--

Denominação/denominações de ampla circulação, ou seja, nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida Poderá repetir denominações dos campos anteriores	Kwaza
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	A etimologia do nome <i>Kwaza</i> é desconhecida. O nome refere tanto à língua quanto e ao povo em geral. Não há outros nomes para se referir à língua, senão <i>kwazadinã</i> ‘língua dos Kwazá’, palavra derivada usando o sufixo <i>-dinã</i> ‘modo de’.

Denominação utilizada neste formulário e que foi aprovada por um corpo representativo da comunidade linguística Poderá repetir denominações dos campos anteriores.	Kwazá
Justificativa	Este nome refere tanto à língua quanto e ao povo em geral.
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	A etimologia do nome <i>Kwaza</i> é desconhecida. Este nome refere tanto à língua quanto e ao povo em geral. Na língua portuguesa pode se escrever Kwazá com acento agudo. Na ortografia própria da língua Kwazá, não se usa acentos.

2. Modalidade da língua

Selecione a opção adequada. As duas modalidades para a classificação das línguas de acordo com sua modalidade: Oral-auditiva – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade, ou seja, pela comunicação verbal, e Visuo-espacial – cuja transmissão se dá a partir de sinais manuais e não-manuais, tais como expressões faciais e corporais.

<input checked="" type="checkbox"/> modalidade oral-auditiva
<input type="checkbox"/> modalidade visuo-espacial

3. Historicidade

3.1 A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Selecione a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional.

<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
Observações: Desde tempos imemoriais, como evidenciado pelos primeiros registros escritos.

3.2 Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos. Os marcos temporais podem ser identificados por tópicos ou por um texto corrido, destacando os marcos temporais principais.

1913: Primeira identificação confiável de um grupo Kwazá (Rondon & Faria 1948: 183), por intermediação dos Kepkiriwat, chamando lhes de *Coaiás*.

1938: Primeira documentação de língua e cultura Kwazá (Lévi-Strauss 1938, 1995 [comunicação pessoal publicado em van der Voort 2004: 30-33]).

1920s-1980s: Epidemias devastadoras dos povos indígenas da região, inclusive os Kwazá.

1930s-1970s: Muitos que ficam na região de origem são distribuídos em fazendas e seringais. As última aldeia dos Kwazá e Aikanã antes de mudar para a futura T.I. Tubarão-Latundê é na foz do rio Tanarú, hoje um pasto.

1941-1943: Expedição do S.P.I. ao alto rio Pimenta Bueno (Zack 1943) e Expedição Urucumacua do Departamento Nacional de Produção Mineral (Dequech 1943, 1988-93).

1960: Começo da abertura da rodovia BR-364 do trecho Vilhena-Porto Velho, onde vários povos da região foram envolvidos como mão de obra masculina (derrubadas, caça) e feminina (lavoura, cozinha).

1965: Estabelecimento de uma aldeia por um casal Kwazá e Aikanã nas cabeceiras do Rio São Pedro. Essa aldeia será consolidado como parte da T.I. Kwazá do Rio São Pedro em 2003.

1973: Migração dos remanescentes dos Aikanã e Kwazá da foz do rio Tanarú para lotes da Gleba Corumbiara nas cabeceiras direitas do rio Pimenta Bueno na futura T.I. Tubarão-Latundê.

1976: Primeiro contato com o povo Latundê no interior da futura T.I. Tubarão-Latundê.

1983: Demarcação da T.I. Tubarão-Latundê em 1983, homologada em 1990 (ISA 2018).

1983: Estabelecimento de igreja da missão evangélica Terena dentro da T.I. Tubarão-Latundê (Carlson 1985).

1997: Último ano de exploração da borracha.

1999: Identificação da T.I. Kwazá do Rio São Pedro, homologada em 2003.

2000-presente: Os últimos idosos que ainda foram nascidos na maloca estão indo embora.

4. Classificações da língua

Selecione a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afro-brasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). Para mais orientações, consultar a Parte 2, seção 4.

<input type="checkbox"/> Língua Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Crioula	
Indicar as línguas que lhe deram origem:	
<input checked="" type="checkbox"/> Língua isolada	
<input type="checkbox"/> Tronco (se houver)	
<input type="checkbox"/> Família Linguística	

Observação/caracterização adicional: <i>Listar as línguas geneticamente mais próximas</i>	
Observações gerais:	

5. Língua e Variedades

A discussão e o conseqüente estabelecimento do que é uma língua e o que são variedades de uma língua deverão ser feitos junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das línguas (para mais informações sobre o tema Língua e Variedades, consultar a seção 4, do Volume 1 do Guia).

5.1 Identificação de línguas e variedades

Responda a questão abaixo para línguas/variedades que possam ser interpretadas como sendo uma mesma língua com a língua de referência, a partir dos critérios discutidos na seção 4.3 do Volume 1 do Guia.

[**Obs. HV:** *qual módulo? qual página?*].

Responda apenas com relação às línguas e variedades que são reconhecidas pela comunidade linguística. Identifique-as por meio de uma forma de denominação (autodenominação ou proposta sugerida pelo inventário) e classifique-as conforme as perguntas abaixo.

Utilize uma tabela nova para cada outra língua ou variedade

Denominação da variedade/língua	Kwazá
Localidades ou regiões onde é falada	Sudeste de Rondônia, nas T.I.s Tubarão-Latundê e Kwazá do Rio São Pedro e nas cidades vizinhas.
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[X] Sim [] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[X] Mesma língua com relação à língua de referência [] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[X] Falada por um segmento social da comunidade linguística (<i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i>) [X] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (<i>como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos</i>) [Obs. HV: <i>Como descrito em seções anteriores, a língua Kwazá é falada em certas localidades. Além disso, é falada como língua nativa ou língua segunda por pessoas da etnia Aikanã. Na definição usada no presente levantamento, tais falantes são considerados membros da comunidade de referência, e, conseqüentemente, da comunidade linguística. (A definição sugerida pelo guia do INDL é ambígua e contraditória nesse respeito.)</i>]
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[X] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [] 2-Quase totalmente inteligível

	<input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (<i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i>) <input type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (<i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i>) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (<i>ex. o português e o espanhol</i>) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (<i>ex. o português e o francês</i>)
<p>Observações: Não há dialetos identificáveis da língua Kwazá que correspondem com localidades ou grupos sociais. Porém, existe variação na língua que parece conectada com as duas famílias originais. Isso pode ser uma relíquia de uma variação dialetal antiga, mas pode ser também relacionado a fatores possíveis de contatos diferentes, efeitos de segunda língua ou de obsolescência.</p>	

5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas

No que concerne às línguas identificadas como uma *Mesma Língua* em relação àquela de referência, descreva os principais elementos estruturais que as diferencia (por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe)?

Utilize o quadro abaixo para identificar sucintamente tais elementos

Como observado acima, não há variação dialetal. Porém, existem pronúncias e alguns itens lexicais, que são diferentes entre as duas famílias originais mencionadas na seção 3.3.2. Disso, a variação fonética-fonológica foi discutido em van der Voort (2004:77-80).

No que concerne às línguas identificadas como *Línguas Diferentes* em relação àquela de referência, diga se há propostas na literatura especializada que tenham uma interpretação divergente, ou seja, que as classificam como variedades de uma mesma língua?

Utilize o quadro abaixo para identificar tais propostas e resumir seus argumentos.

Não

Sim

Identificação e resumo das propostas:

[**Obs. HV:** Não há *Línguas Diferentes* em relação ao Kwazá e não existem propostas nessa direção.]

5.3 Documentação da pesquisa sobre línguas e variedades

Faça o upload ou escreva no quadro abaixo o *link* no quadro abaixo dos arquivos que apresentem os principais instrumentos e produtos utilizados na documentação, levantamentos e discussão com a comunidade sobre línguas e variedades.

Links para arquivos com dados de pesquisa sobre línguas e variedades

[**Obs. HV:** Não existe um *link*. Fiz entrevistas com a comunidade para realizar o levantamento, incluindo a questão das línguas e variedades.]

6. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de **leis de patrimonialização ou oficialização** é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

6.1 Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua Oficial		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de oficialização		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua não-oficial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

6.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua reconhecida como patrimônio		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de reconhecimento patrimonial		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua sem reconhecimento patrimonial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/ <i>hyperlink</i> (se houver)

6.3 Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterize as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indique também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breve descritivos e *hyperlinks* dos mesmos (se houver).

6.4 Fac-símiles dos documentos

Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização

7. Recursos Documentais

Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua – quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado – e recursos *sobre* a língua – quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua. Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (documentários, filmes), produção musical (canções entre outras) e produções na internet – que devem incluir todos os documentos listados e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, entre outros.

7.1. Produções documentais

Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

MÁDEE, KHKĀU & HEIN VAN DER VOORT. 2002. *nāiyāta erewe'aki txananāi / Assim se escreve na nossa língua: kwazadihĩ erewexinite / O livro do Kwazá*. Amsterdam: avulso.

VOORT, HEIN VAN DER, EDILEUSA KWAZA, ZEZINHO KWAZA & MARIO AIKANĀ. 2017. Kwaza. In: KRISTINE STENZEL & BRUNA FRANCHETTO (Orgs.), *On this and other worlds: voices from Amazonia*. Berlin: Language Science Press, p. 387-404. <<http://langsci-press.org/catalog/book/167>>

Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

CARLSON, HARVEY. 1984. Kwaza vocabulary. Manuscrito Carlson.001.005, em "Harvey Carlson Papers on the Aikana Language", *Survey of California and Other Indian Languages*. Berkeley: University of California.
<<http://dx.doi.org/doi:10.7297/X2765CKV>>

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1938. *Vocabulaires de trois langues: Kabišiana, Kepkiriuat et de São Pedro*. Manuscrito. Praha: Arquivo do Prof. Čestmír Loukotka.

- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1995 [Sem título]. Manuscrito e carta de 25-12-95, 3 pp. Paris.
- LOUKOTKA, ČESTMIR. 1968. *Classification of South American Indian Languages*. (Edited by JOHANNES WILBERT). Los Angeles: Latin American Center, University of California, p. 163-164.
- MĀDEE, KHKĀU & HEIN VAN DER VOORT. 2002. *nāiyāta erewe'aki txananāi / Assim se escreve na nossa língua: kwazadih̄i erewexinite / O livro do Kwazá*. Amsterdam: avulso.
- MANSO, LAURA VICUÑA PEREIRA. 2013. *Dicionário da língua Kwazá*. Porto Velho: SEDUC.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2002. The quotative construction in Kwaza and its (de-)grammaticalisation", in: MILY CREVELS, SIMON VAN DE KERKE, SÉRGIO MEIRA & HEIN VAN DER VOORT (Orgs.), *Current Studies on South American Languages*. Leiden: CNWS. p. 307-328. <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/illa:vol3n20/illa_vol3n20_voort.pdf>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2002. Negação em Kwazá (ou Koaiá), uma língua viva de Rondônia. In: ANA SUELLY ARRUDA CÂMARA CABRAL & ARYON DALL'IGNA RODRIGUES (orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Atas do I. Encontro Internacional do GTLI, tomo II, 249-259. Belém: Editora Universitária UFPA.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2003. Reduplication of person markers in Kwaza. *Acta Linguistica Hafniensia*, 35:65-94.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2004. *A grammar of Kwaza*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2005. Kwaza in a comparative perspective. *International Journal of American Linguistics*, 71/4: 365-412.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2006. Construções atributivas em Kwazá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências humanas)*, 1/1:87-104. <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v1n1/v1n1a07.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2007. Theoretical and social implications of language documentation and description on the eve of destruction in Rondônia. In: PETER AUSTIN, OLIVER BOND & DAVID NATHAN (Orgs.), *Language Documentation & Linguistic Theory: 75 years of linguistics at SOAS, 5 years of Endangered Languages Project*. London: School of Oriental and African Studies, University of London, p. 251-259. <<http://www.hrhelp.org/publications/ldlt/papers/ldltproceedings.html>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2009. Possessive expressions in the Southwestern Amazon. In: WILLIAM B. MCGREGOR (Org.), *The expression of possession*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 343-388.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2009. Reduplication and repetition of person markers in Guaporé isolates. *Morphology*, 19/2: 263-286. <<http://www.springerlink.com/content/1545301353748536/fulltext.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2013. Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã, in: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, 8 (2): 359-377. <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n2/09.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2014. Is reduplication an areal feature of the Guaporé-Mamoré region? In: GALE GOODWIN GÓMEZ & HEIN VAN DER VOORT (Orgs.), *Reduplication in indigenous languages of South America*. Leiden: Brill, p. 427-462.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2015. Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico. *Moara - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará*, 43/2:5-22. <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3836/3861>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2016. Aikanã and Kwaza: their ethno-historical and sociolinguistic context in Rondônia, Brazil. In: LUNA FILIPOVIĆ & MARTIN PÜTZ (Orgs.), *Endangered languages and languages in danger: issues of documentation, policy, and language rights*. Amsterdam: John Benjamins, p. 203-230.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2016. Recursive inflection and grammaticalized fictive interaction in the southwestern Amazon. In: ESTHER PASCUAL & SERGEIY SANDLER (Orgs.), *The Conversation Frame: forms and functions of fictive interaction*. Amsterdam: John Benjamins, p. 277-299.

VOORT, HEIN VAN DER. 2018. Development and diffusion of classifier systems in Southwestern Amazonia. In: WILLIAM B. MCGREGOR & SØREN WICHMANN (Orgs.), *The diachrony of classification systems*. Amsterdam: John Benjamins. p. 201-240.

VOORT, HEIN VAN DER. 2020. A língua isolada do povo kwazá. In: Bruna Franchetto & Kristina Balykova (Orgs.), *Índio não fala só tupi: Uma viagem pelas línguas dos povos originários no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras. p. 131-144.

VOORT, HEIN VAN DER, EDILEUSA KWAZA, ZEZINHO KWAZA & MARIO AIKANÃ. 2017. Kwaza. In: KRISTINE STENZEL & BRUNA FRANCHETTO (Orgs.), *On this and other worlds: voices from Amazonia*. Berlin: Language Science Press, p. 387-404. <<http://langsci-press.org/catalog/book/167>>

ZACK, ESTANISLAU (STANISLAV ZACH). 1943. Turma de exploração no Oéste de Mato Grosso: relatório; vocabulário das tribus Massacá, Salamãin, Coaiá e Canoê. [Manuscrito, 19 pp.] Rio de Janeiro: Arquivo do Museu do Índio.

Produção em áudio e vídeo na língua

VOORT, HEIN VAN DER. 2017. *Hakai Dariya*. [DVD de documentação, com uma história tradicional contado por Edileusa Kwazá em 2014]. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi & Projeto DoBeS.

Produção em áudio e vídeo sobre língua

VOORT, HEIN VAN DER & JOSHUA BIRCHALL. 2014. *100 anos depois*. [DVD de palestra sobre língua e etnohistória, por Hein van der Voort.] Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi & Projeto DoBeS.

Produção musical na língua

VOORT, HEIN VAN DER. 2002. *Cantos Kwazá*. [CD de documentação, com cantos em Kwazá por Maria Tadeu Aikanã gravadas em 1997, e cantos numa língua desconhecida por Antonhão Kwaza Ramos gravados em 1998]. Avulso.

Produção na língua disponível na internet

VOORT, HEIN VAN DER, EDILEUSA KWAZA, ZEZINHO KWAZA & MARIO AIKANÃ. 2017. Kwaza. In: KRISTINE STENZEL & BRUNA FRANCHETTO (Orgs.), *On this and other worlds: voices from Amazonia*. Berlin: Language Science Press, p. 387-404. <<http://langsci-press.org/catalog/book/167>> [Inclui link para a gravação.]

Produção sobre a língua disponível na internet

AIKANÃ, MÁRIO & HEIN VAN DER VOORT. 1998. *The Hein van der Voort collection of Kwaza sound recordings*. LA 207, Survey of California and Other Indian Languages. Berkeley: University of California. <<http://cla.berkeley.edu/collection/10201>>

ANÔNIMO. 1995-2011. *Kwaza*. Acervo de Línguas Indígenas do MPEG. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. <<https://arqling.museu-goeldi.br/>>

CARLSON, HARVEY. 1984. Kwaza vocabulary. Manuscrito Carlson.001.005, em "Harvey Carlson Papers on the Aikana Language", *Survey of California and Other Indian Languages*. Berkeley: University of California. <<http://dx.doi.org/doi:10.7297/X2765CKV>>

RAMOS, JOSÉ & HARVEY CARLSON. 1984. *The Harvey D. Carlson collection of Koiá sound recordings*. LA 169, Survey of California and Other Indian Languages. Berkeley: University of California. <<http://cla.berkeley.edu/collection/10080>>

VOORT, HEIN VAN DER. 2002. The quotative construction in Kwaza and its (de-)grammaticalisation", in: MILY CREVELS, SIMON VAN DE KERKE, SÉRGIO MEIRA & HEIN

- VAN DER VOORT (Orgs.), *Current Studies on South American Languages*. Leiden: CNWS. p. 307-328. <http://etnolinguitica.wdfiles.com/local--files/illa:vol3n20/illa_vol3n20_voort.pdf>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2007. Theoretical and social implications of language documentation and description on the eve of destruction in Rondônia. In: PETER AUSTIN, OLIVER BOND & DAVID NATHAN (Orgs.), *Language Documentation & Linguistic Theory: 75 years of linguistics at SOAS, 5 years of Endangered Languages Project*. London: School of Oriental and African Studies, University of London, p. 251-259. <<http://www.hrelp.org/publications/ldlt/papers/ldltproceedings.html>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2006. Construções atributivas em Kwazá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências humanas)*, 1/1:87-104. <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v1n1/v1n1a07.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2009. Reduplication and repetition of person markers in Guaporé isolates. *Morphology*, 19/2: 263-286. <<http://www.springerlink.com/content/1545301353748536/fulltext.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2013. Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, 8/2: 359-377. <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n2/09.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2015. Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico. *Moara - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, Universidade Federal do Pará, 43/2:5-22. <<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3836/3861>>
- VOORT, HEIN VAN DER, EDILEUSA KWAZA, ZEZINHO KWAZA & MARIO AIKANÃ. 2017. Kwaza. In: KRISTINE STENZEL & BRUNA FRANCHETTO (Orgs.), *On this and other worlds: voices from Amazonia*. Berlin: Language Science Press, p. 387-404. <<http://langsci-press.org/catalog/book/167>>
- VOORT, HEIN VAN DER, LISA KATHARINA GRUND, JOSHUA BIRCHALL & CÂNDIDA INÛTE AIKANÃ. 2012-2016. *Kwazá, Sudeste de Rondonia*. [Gravações oriundas do projeto DoBeS (Documentação de Línguas Ameaçadas), no. 85611]. The Language Archive. Nijmegen: Instituto Max Planck para Psicolinguística (MPI) & Fundação Volkswagen (VWS). <http://dobes.mpi.nl/projects/southeastern_rondonia/?lang=pt>

Anexar / Fazer upload documentos digitalizados

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “4.7.1 etc.” Foram anexadas algumas obras sobre a língua, algumas das quais são de difícil acesso.]

7.2 Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na e sobre** a língua

Referências	Comentários
<p>(1) MÄDEE, KHKĀU & HEIN VAN DER VOORT. 2002. <i>nāiyāta erewe'aki txananāi / Assim se escreve na nossa língua: kwazadih̃ erewexinite / O livro do Kwazá</i>. Amsterdam: avulso.</p> <p>(2) VOORT, HEIN VAN DER. 2017. <i>Hakai Dariya</i>. [DVD de documentação, com uma história tradicional contado por Edileusa Kwazá em 2014]. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi & Projeto DoBeS.</p> <p>(3) VOORT, HEIN VAN DER. 2004. <i>A grammar of Kwaza</i>. Berlin: Mouton de Gruyter.</p>	<p>As principais referências na língua:</p> <p>(1) é uma cartilha de ortografia, resultado de decisões informadas tomadas pela comunidade de falantes nativos.</p> <p>(2) é um DVD na língua, com legendas em Kwazá e em Português.</p> <p>As principais referências sobre a língua:</p>

<p>(4) VOORT, HEIN VAN DER, LISA KATHARINA GRUND, JOSHUA BIRCHALL & CÂNDIDA INÛTE AIKANÃ. 2012-2016. <i>Kwaza, Sudeste de Rondonia</i>. The Language Archive. Nijmegen: MPI & VWS. <https://arqling.museu-goeldi.br/ds/asv/?1></p> <p>(5) ANÔNIMO. 1995-2011. <i>Kwaza</i>. Acervo de Línguas Indígenas do MPEG. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. <https://arqling.museu-goeldi.br/></p>	<p>(3) é uma descrição abrangente da língua, com 1065 páginas, incluindo gramática, textos e dicionário, além de um CD-rom com amostras de narrativas e cantos. O livro está em inglês.</p> <p>As principais referências a acervos de documentação:</p> <p>(4) é referência principal para documentação de língua e cultura, dentro de um projeto DoBeS 2012-2016, em processo de disponibilização online, parcialmente acessível.</p> <p>(5) é referência principal para documentação de língua e cultura, em processo de disponibilização online, com acessibilidade restrita.</p>
---	--

Anexar / Fazer upload documentos digitalizados

[Observação: inclusão de arquivos sob o nome “4.7.2 etc.” Foi anexado documento (1). Documento (2) está anexados como DVD separado. (3) não está livremente acessível em forma digital. (4-5) serão futuramente acessíveis no futuro pelos links.]

7.3 Disponibilidade das produções documentais na comunidade

Comente sobre a disponibilidade e acesso dos documentos identificados pela comunidade linguística. A pergunta básica seria “a comunidade tem acesso a essa documentação?”

Em princípio a comunidade tem acesso a essa documentação. A cartilha e o DVD foram distribuídas. Exemplares da descrição de 2004 foram distribuídas entre os consultores principais, mas como está em inglês, o que dificulta o acesso. Cópias de muitos outros trabalhos publicados (antigos e modernos, em português e outras línguas) foram dados por pesquisadores a indivíduos na comunidade ou à *Associação Massaká dos Povos Indígenas Aikanã, Latundê e Kwazá*. Cópias de gravações feitas por pesquisadores ligados ao Museu Goeldi e materiais publicados em CD ou DVD foram sempre compartilhados com membros da comunidade. Uma cópia integral do acervo Kwazá do projeto DoBeS (VAN DER VOORT *et al.* 2012-2016) está com a assistente indígena do projeto, e a maior parte do acervo está online, esperando livre acesso. Um outro acervo de documentação (ANÔNIMO 1995-2011) está nos servidores do Museu Goeldi com acesso restrito, para ser liberado no futuro.

A obra de Manso (2013) é um dicionário feito em base da parte dicionária do van der Voort (2004). É uma tradução elaborada em ortografia padronizada, e foi imprimido e amplamente distribuído nas escolas das T.I.s São Pedro e Tubarão-Latundê. Infelizmente está repleto de erros de qualquer tipo, tanto com respeito à ortografia, fonologia, gramática, semântica e à tradução, o que dificulta seu uso.

8. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

8.1 Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, como por exemplo, sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores/músicos; intelectuais/acadêmicos/especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, se possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes quem são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as torna falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

Lista de nomes/contatos	<i>Caracterização das pessoas</i>	<i>Anexar / Fazer upload entrevistas / retratos com falantes de referência no acervo digital</i>
Antônio Teteru Kwazá	falante de referência, sabedor	[foto]
Arizalda O'e Inũte Kwazá	falante de referência, sabedora	[foto]
Edileusa Waruwaru Kwazá	falante de referência, sabedora	[foto]
Iracema Duruduru Aikanã Kwazá	falante, sabedora	[foto]
José Tawiwi Aikanã Kwazá	falante, sabedor	[foto]
Maria Tadeu Dadũ Ākurumii Aikanã	cantora, sabedora	[foto]
Mário Kĩikãu Mãdee Aikanã Kwazá	falante de referência, sabedor	[foto]
Marlene Kwaba Kwazá	sabedora	[foto]
Simone Wamũro Kwazá	falante de referência, sabedora	[foto]
Suely Tsiatai Kwazá	falante de referência, sabedora	[foto]
Zezinho Turuwe Kwazá	falante de referência, sabedor	[foto]

8.2 Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertencem) e uma lista sumária de atividades que realizam.

Nome	Contatos	É membro da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Lisa Katharina Grund	lisakgrund@gmail.com	[X] não [] sim	antropóloga, pesquisadora visitante do Museu Goeldi

Laura Vicuña Manso	cimipvhro@gmail.com	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	antropóloga, coordenadora do CIMI em Porto Velho
José Luis Kassupá	urupuu@gmail.com	<input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim	coordenador da associação indígena OPIRON
Joshua Birchall	jtbirchall@gmail.com	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	linguista, pesquisador visitante do Museu Goeldi
Hein van der Voort	hvoort@museu-goeldi.br	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	linguista, pesquisador titular do Museu Goeldi

9. Instituições

9.1 Escola

A seguir, são propostas duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina** e **língua de instrução**.

- Professores e materiais didáticos

Selecione as opções que se aplicam à língua de referência

Há professores que falam a língua de referência?

- não
 sim, todos ou a grande maioria
 sim, mas há muitos professores que não falam a língua

Há materiais didáticos na e sobre a língua de referência?

- sim, em boa quantidade e/ou qualidade
 sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade
 não

Observações: Suponho que se trata de escolas na comunidade de referência. Não tem muitos professores. Talvez a metade deles é não-indígena e não fala a língua. Somente a cartilha de KIKĀU MĀDEE & VAN DER VOORT (2002) e o dicionário da Manso (2013) estão em princípio disponíveis.

- Informações sobre escolas na comunidade de referência

Neste item, sugere-se o fornecimento de informações sobre todas as escolas situadas na comunidade de referência. As informações básicas são: *nome da escola*, *localização* da escola entre as localidades de ocorrência da língua, níveis escolares contemplados, se a escola tem programas especiais como *intercultural*, *bílingue* ou *"diferenciado"*. Em seguida, pede-se que os proponentes dos inventários forneçam informações sobre em que língua ocorre a **alfabetização**, qual(is) a(s) língua(s) de **instrução** na escola, ou seja, qual a língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares, e se a língua de referência consta como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é oferecida e em qual/quais escola(s) e localidade(s) ela é ensinada, além de apresentar uma breve descrição sobre o que trata essa disciplina. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes (consultar Parte 2, seção 9.3, para mais orientações questões relativas à educação escolar).

Utilize uma tabela como esta para cada escola

Nome da Escola	Escola Indígena Estadual Ensino Fundamental e Médio Matinã Kondã
Local	T.I. Kwazá do Rio São Padro, aldeia Novo São Pedro
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental

	<input checked="" type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim. Explique: <input type="checkbox"/> Não
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	
Até que ano escolar?	
Com que regularidade/frequência no ano escolar	
Breve descrição do que trata a disciplina	
Observações	Não há ensino sobre ou na língua Kwazá nesta escola.

Nome da Escola	Escola Indígena Estadual Ensino Fundamental e Médio Yasymy Tanhata Kwaza
Local	T.I. Kwazá do Rio São Padro, aldeia Dois Irmãos
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim. Explique: <input type="checkbox"/> Não
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	
Até que ano escolar?	
Com que regularidade/frequência no ano escolar	
Breve descrição do que trata a disciplina	
Observações	Não há ensino sobre ou na língua Kwazá nesta escola.

Nome da Escola	Escola Indígena Estadual Ensino Fundamental Dukaria Rarekute
Local	T.I. Kwazá do Rio São Padro, aldeia Água Limpa
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental

	<input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim. Explique: <input type="checkbox"/> Não
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input checked="" type="checkbox"/> Língua de Referência <input type="checkbox"/> Outra. Explique:
Língua de Instrução	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	<input type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	A partir do primeiro ano
Até que ano escolar?	Até o último ano
Com que regularidade/frequência no ano escolar	Diariamente
Breve descrição do que trata a disciplina	As crianças aprendem ler e escrever palavras na sua língua nativa, o Kwazá
Observações	O professor indígena é falante monolíngue do Português, mas há uma assistente que orienta alunos na língua de referência, o Kwazá. O dicionário de Manso (2013) é usado, mas os erros que a assistente observava não foram entendidos pelo professor, que não é falante.

Nome da Escola	Escola Municipal Indígena Multisseriada Aikana
Local	T.I. Tubarão-Latundê, aldeia Rio do Ouro
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim. Explique: <input type="checkbox"/> Não
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	
Até que ano escolar?	
Com que regularidade/frequência no ano escolar	
Breve descrição do que trata a disciplina	
Observações	Não há ensino sobre ou na língua Kwazá nesta escola.

Nome da Escola	Escola Municipal Indígena Multisseriada Aikana Capitão Aritimon
Local	T.I. Tubarão-Latundê, aldeia Gleba

Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim. Explique: <input type="checkbox"/> Não
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores.
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> Outra. Explique: Aikanã é a língua nativa de alguns professores
Língua como disciplina	<input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input type="checkbox"/> A língua de referência é uma disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	
Até que ano escolar?	
Com que regularidade/frequência no ano escolar	
Breve descrição do que trata a disciplina	
Observações	Não há ensino sobre ou na língua Kwazá nesta escola.

- Contexto escolar. Identificar se a situação atual das escolas está:
Classifique numa escala se a situação das escolas é favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso, segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

<input checked="" type="checkbox"/> Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola em algumas escolas
<input checked="" type="checkbox"/> Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola nas demais escolas
<input type="checkbox"/> Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola
Justificativa e caracterização (se houver) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar: A língua tem muito poucos falantes, os quais frequentam somente uma ou duas escolas na T.I. São Pedro. Falta de material de ensino na língua indígena; falta de formação linguística profissional dos professores; poucas horas podem ser dedicados ao ensino indígena; na escola em Gleba, T.I. Tubarão-Latundê vários alunos novos na série 6-9 acham o ensino de língua indígena em geral inútil ou recusam; vários alunos são de outra etnia e não dominam a língua.

9.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

<input type="checkbox"/> Saúde	Observações:
<input type="checkbox"/> Prefeitura	Observações:
<input type="checkbox"/> Outros	Observações:

9.3 Outras Instituições

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Enfatizar os tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua elas promovem.

	Identificação (nome e endereço)	Procedência	Atividades realizadas	Observações
Associações Representantes	Associação Massaká dos Povos Indígenas Aikanã, Kwazá e Latundê	<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input checked="" type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Solicitações de vários projetos de revitalização cultural. Gestão de indenizações por empresas que afetam a T.I. Tubarão-Latundê.	
Organizações governamentais	Secretária de estado da educação (SEDUC)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Apoia o ensino escolar na língua indígena.	Publicou o dicionário de MANSO (2013).
Organizações governamentais	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Está envolvida na formação de professores indígenas.	Na Licenciatura Intercultural havia atividades com respeito às línguas, inclusive Kwazá
Organizações governamentais	Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Realiza estudos científicos e documentação da língua, e fornece conselhos, desde 1995.	Criou acervos digitais de documentação linguística e cultural.
Organismos internacionais	Forest Trends / USAID	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Desenvolve projetos apoiando os povos indígenas.	Apoiou o livro bilíngue Aikanã-Português, por Aikanã et al. (2019), que refere à etnia Kwazá Aikanã.
ONGs nacionais	Conselho Indigenista Missionário (CIMI)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Dá apoio geral com respeito à emancipação político e cultural das comunidades.	Apoiou um estudo lexicográfico que resultou no dicionário de MANSO (2013).
ONGs internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Religiosas/missionárias	ALEM/Wycliffe Núcleo Rural Boa Esperança II, Ch 04	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Traduz a bíblia e material evangélico com a ajuda de falantes	Atua na aldeia Rio do Ouro, T.I. Tubarão-Latundê.

	Granja do Torto, Brasília - DF		nativos.	Traduziu o <i>Filme de Jesus em Aikanã</i> .
Grupos/Coletivos de cultura		[] de fora da comunidade [] de dentro da comunidade		
Outros:		[] de fora da comunidade [] de dentro da comunidade		

9.4 Organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que – na opinião deste dos proponentes do inventário – possam ser um fator de ameaça para a língua e para a cultura da comunidade.

Instituição	O que tem sido desenvolvido	Consequências
[madeiros não identificados]	Pagam um pouco de dinheiro para extração ilegal de madeira, mas estragam a floresta, trazem bebidas alcoólicas e drogas, corrompem os Índios, dividem as comunidades.	Representa uma grave ameaça à língua e à cultura dos povos indígenas nas T.I.s.

Módulo 5

Diagnóstico Sociolinguístico¹

Este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade. Muitas das questões a serem discutidas envolvem técnicas de recenseamento linguístico ou, de modo mais geral, o que chamamos de levantamento demográfico.

1. Falantes²

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (falantes de apenas uma língua, sendo essa a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes das línguas de

¹ Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

² O Volume I traz as definições sobre os tipos de falantes e a Parte 2, seção 2, deste volume traz instruções para a definição de proficiência linguística e sua correspondência aos tipos de falantes.

referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita (consultar orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes na Parte 2, seção 2, deste Guia).

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes [Obs. HV: excluindo os que falam pouco + os que só entendem]	25	
Número de falantes parciais [Obs. HV: os que falam pouco + os que só entendem]	20	
Número de não-falantes [Obs. HV: da etnia ou da segunda etnia]	19	

1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues, considerando as línguas faladas dentro da comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas. Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

- Qual a estimativa de falantes monolíngues?

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	1	
Em português	6	
Nas demais línguas faladas no território	0	

Observações: A pessoa monolíngue na língua Kwazá tem um ano de idade em 2015. Obviamente não é falante completo. Em 2020 isso deve ter mudado, porque com 6 anos deve ter aprendido Português também.

1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

- Entre os falantes da língua de referência...

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)

Quantos também falam português?	58	
Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua	30	

Observações: Os que falam língua de referência + português + outra língua, são incluídos também naqueles que falam língua de referência + português. Os ‘falantes’ são todos, i.e. que falam tudo, que falam razoavelmente, os que entendem.

1.4 Caracterização de situações de plurilinguismo

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

- Quantos são os indivíduos na comunidade que falam três ou mais línguas?

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa.

Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
30	

- Quais são as línguas mais comuns faladas por indivíduos que dominam mais de duas línguas

Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade.

Kwazá e Aikanã

2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em duas questões. A primeira diz respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A segunda questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade (consultar a Parte 2, seção 6.2, para obter maiores informações).

[**Obs. HV:** A maioria dos membros da comunidade Kwazá têm Kwazá como 1ª língua (língua nativa, ou L1). A segunda linha indica que há menos membros com Português como 1ª língua. A terceira linha mostra os poucos membros com Aikanã como 1ª língua. No caso que pessoas falam duas línguas nativas, essas línguas são representadas na mesma linha, em ordem decrescente (no eixo horizontal) de quantia relativa de tais casos. Não há falantes trilingues no sentido de falar três línguas nativamente.]

- Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1 Kwazá, Português, Aikanã
Língua 2 Português, Aikanã
Língua 3 Aikanã

- Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1 Português
Língua 2 Aikanã
Língua 3 Kwazá

- Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua:

- i.) identifique a língua por meio da sua denominação;
 - ii.) informe em que fase da vida ocorre a aquisição dela (por exemplo, na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); e
 - iii.) em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.).
- Crie, se necessário, novas tabelas para incluir mais línguas.

Língua:	Português
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	durante ou depois da infância
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	contextos multilíngues, como escola, igreja, casamentos, cidade, viagens, visitantes

Língua:	Aikanã
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	durante a infância
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	contextos multilíngues, como escola e casamentos

- Há diferenças notáveis entre a aquisição da língua de referência em diferentes localidades investigadas?

No quadro abaixo identifique as localidades e em que elas se diferenciam.

Na aldeia Barroso, T.I. Tubarão-Latundê, a aquisição da língua de referência como primeira língua ocorre em uma família só. Na T.I. Kwazá do São Pedro, a aquisição da língua de referência como primeira língua ocorre em duas famílias.
--

3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira, são requeridos os números absolutos e o percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. A segunda questão é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

3.1 Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem. Na seção 5.5 do volume 1 trazemos algumas sugestões caso a identificação da idade dos indivíduos seja um problema para certos inventários.

[**Obs. HV:** *O percentual refere a qual total? Porcentagem da faixa etária ou da comunidade inteira? (e, a propósito, de qual comunidade?) Na primeira coluna o percentual (arredondado) refere ao total da comunidade de referência (CR = 65), na segunda, o percentual refere aos totais das diferentes faixas etárias (FE).]*

	Falantes Fluents [1]			Falantes com proficiência parcial [2] [Obs. HV: inclui 2 com proficiência razoável e 18 que somente entendem]			Não falantes [3] [Obs. HV: inclui 14 falantes de Aikanã, dos quais 8 com Aikanã como língua primeira, esp. na faixa de juventude]		
	Nº absoluto	% CR	% FE	Nº absoluto	% CR	% FE	Nº absoluto	% CR	% FE
Infância 0-12	4	6,15	30,76	5	7,69	38,46	4	6,15	30,76
Juventude 13-25	9	13,84	40,90	4	6,15	18,18	9	13,84	40,90
Adulta I 26-40	6	9,23	35,29	6	9,23	35,29	5	7,69	29,41
Adulta II 41-60	6	9,23	66,66	1	1,53	11,11	2	3,07	22,22
Idoso +60	0	0,00	0,00	4	6,15	100,00	0	0,00	0,00
<i>Total</i>	<i>25</i>	<i>38,46</i>		<i>20</i>	<i>30,76</i>		<i>20</i>	<i>30,76</i>	

3.2 Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando a opção adequada. Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) **estável**; ii) **em crise**; iii) **em retomada de crescimento**; iv) **interrompida**. Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão/ análise do grau selecionado (consultar Parte 2, seção 6.2, para mais orientações sobre os níveis).

<input type="checkbox"/> Estável
<input checked="" type="checkbox"/> Em crise
<input type="checkbox"/> Em retomada de crescimento
<input type="checkbox"/> Interrompido

Observações: A língua está claramente em crise. A porcentagem de falantes completos está diminuindo com as faixas de idade decrescentes. Além disso, o número de falantes parciais está ficando maior do que o número de falantes completos. A retomada de crescimento de falantes completos na faixa de juventude parece incidental e não é consolidado na faixa de infância. Porém, a comunidade é muito espalhada e tão pequena que as porcentagens apresentam um quadro com distorções. O que realmente está acontecendo com a língua no momento atual não é mais tão capturável na estatística, mas é uma questão de histórias e escolhas pessoais de indivíduos.

4. Escrita e Leitura

4.1 Situação de grafias na língua

4.1.1 Identificar a existência de grafias

Identificar se a língua está atualmente sem grafia, se possui uma grafia ou se possui múltiplos modelos de grafias (e quantas).

<input type="checkbox"/> sem grafias (ágrafa)
<input checked="" type="checkbox"/> com <i>uma</i> grafia
<input type="checkbox"/> com múltiplos modelos de grafias. Quantas?

4.1.2 Caracterizar as grafias existentes

Deve-se produzir um diagnóstico sumário com base nas respostas às questões da tabela abaixo. Se houver mais de uma grafia, identifique cada uma com uma denominação única. Para cada grafia, utilize uma linha diferente da tabela.

Denominação da grafia	escrito, alfabeto, ortografia
Quem elaborou? Quando? Com que propósito?	Falantes nativos desenvolveram a grafia com a ajuda do Hein van der Voort, linguista do Museu Goeldi.
Está sendo usada na alfabetização? Quem ensina? Onde?	Sim. Professores indígenas ensinam nas escolas indígenas na T.I. São Pedro.
Quem a usa atualmente na comunidade?	Professores indígenas e alunos da escola.
É relevante para que tipos de produtos escritos?	Para material de ensino nas escolas.

4.1.3 Contrastar as grafias existentes

Utilize o quadro abaixo para contrastar as diferentes grafias, tanto sob um ponto de vista sobre o sistema de representação gráfica da língua, quanto eventuais problemas e demais diferenças entre elas.

Existe uma grafia, cuja cartilha está anexado como “4.7.2 Kwaza ABC 2002”.

4.2 Textos escritos produzidos pela comunidade

Neste tópico estão contemplados diagnósticos sobre os tipos de textos produzidos na comunidade linguística, focando na língua de referência e no Português.

As pessoas da comunidade costumam escrever na sua própria língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	Material de ensino escolar.
Há quanto tempo existe o uso da escrita na língua de referência pela comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 25 anos e menos de 75 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 75 anos
Pode-se dizer que existe uma tradição de textos escritos em diferentes gêneros discursivos na comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Comente a questão anterior se sua resposta for “sim”:	

As pessoas da comunidade costumam escrever em português?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	Tarefas na escola da aldeia.

Comente sobre as principais diferenças entre a prática de escrita e leitura na língua portuguesa e na língua de referência da comunidade

Em geral, quando há necessidade de escrever, como em cartas ou recados, Português é usado. Na escola, a ênfase está no Português ou Aikanã, e a vasta maioria do material de ensino está em Português. Mesmo assim, não há grande habilidade em escrever nem em português. Vários jovens gostam de trocar mensagens no celular em Aikanã. Não há escrito espontâneo em Kwazá

4.3 Paisagem linguística

Na tabela abaixo, responda a questão de múltipla escolha com relação à paisagem linguística nas localidades onde vivem seus falantes, ou seja, como se dá a presença de textos escritos expostos de forma visível e acessível nos principais ambientes de circulação pública na comunidade.

Quais são os principais tipos de textos escritos que costumam estar expostos na paisagem linguística das localidades de ocorrência da língua de referência	<input checked="" type="checkbox"/> Cartazes, faixas, <i>banners</i> e cartolinas <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos públicos <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos comerciais e privados <input type="checkbox"/> Placas de trânsito, de turismo ou outras formas de sinalização em vias de circulação pública <input type="checkbox"/> Inscrições em cemitérios, muros, edifícios, paredes, rochas, árvores, etc. <input type="checkbox"/> Outros. Explique: <input type="checkbox"/> Nenhum (não há textos escritos na língua de referência expostos publicamente)
--	--

Anexar / Fazer upload de arquivos no acervo digital referentes à documentação da paisagem linguística

[Observação: inclusão de foto de cartáz feito na escola indígena na aldeia Água Limpa.]

4.4 Proficiência em escrita e leitura

Nas tabelas a seguir, indique a quantidade de indivíduos com relação às habilidades de leitura e escrita na língua de referência (a) e em Português (b). Assumimos três níveis de proficiência: pleno, parcial e nulo. Leitura e escrita devem ser avaliadas separadamente (consultar Parte 2, seção 2, para mais orientações sobre proficiência em escrita e leitura).

▪ Língua de referência

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno		igual a com ref		igual a com ref
Parcial	12	igual a com ref	12	igual a com ref
Nulo		igual a com ref		igual a com ref

Observações

Estes números são o resultado de estimativas baseadas no meu conhecimento pessoal. Além disso, perguntei a uma professores indígenas quais alunos sabem ler e escrever bem na língua. Na T.I. São Pedro há talvez 10 pessoas com domínio parcial de leituras e escrita. Na T.I. Tubarão-Latundê há talvez dois. Alunos na escola indígenas na T.I. São Pedro têm que copiar palavras Kwazá no seu caderno, mesmo se não falam a língua. Ninguém sabe escrever um pequeno texto na língua. Fora da na T.I. São Pedro não há ensino da língua Aikanã.

▪ Português

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno				
Parcial				

Nulo				
Observações Isso não foi testado. Sem dúvida os números são muito maiores.				

5. Situações de usos³

5.1 Língua mais frequente

- Qual língua é usada com mais frequência nas situações cotidianas na comunidade?
Marque mais de uma se necessário. Crie uma hierarquia no caso de mais de uma língua: comece com a mais frequente e termine com a menos frequente. Este item pode ser respondido com base em um levantamento demográfico ou por conhecimentos gerais de pessoas-chave e observação etnográfica.
[Obs. HV: *Suponho que se trata da comunidade de referência.*]

Língua 1 Aikanã
Língua 2 Português
Língua 3 Latundê, Kwazá

5.2 Situações comunicativas

Discuta as diferentes situações comunicativas cotidianas na comunidade linguística tomando como base os seguintes pontos:

- Qual língua é usada em cada situação
- Qual o Âmbito/Local onde cada situação ocorre
- Quais são os interlocutores (como quem se fala) em cada situação
- Qual o meio de cada situação: Meio Oral/Sinal; Meio Escrito; Meio eletrônico (computador, internet, redes sociais, celular, etc.)

Dentro da comunidade de referência Kwazá é usado entre os falantes da língua, em princípio em qualquer lugar, tanto na aldeia quanto na cidade. Português ou Aikanã é usado com aqueles que não falam Kwazá.

No entanto, adolescentes, mesmo quando são falantes do Kwazá, Aikanã ou Latundê, também falam Português entre si. Por outro lado, em reuniões da comunidade, apesar de incluir também falantes monolíngues do Português, os falantes do Aikanã tendem a fazer discursos em Aikanã.

Dentro da comunidade linguística, mas fora da comunidade de referência, somente Português é usado.

O meio escrito no papel existe somente nas escolas.

Anexar / fazer upload da documentação dos usos linguísticos cotidianos no acervo digital

[Observação: não há documentação do uso cotidiano. Uso narrativo da língua foi anexado como DVD separado, cuja capa está em anexo sob o título “4.7.2 Hakai dariya 2017”]

5.3 Dinâmica dos usos da língua de referência:

Para esta questão, classifique a situação dos usos da língua de referência numa escala conforme as definições a seguir, escolhendo a mais apropriada. Em seguida, no campo “Justificativa e detalhamentos”, preencha com breves informações sobre a escolha do grau, além de outras considerações e análises pertinentes ao tema (consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática).

³ Conferir Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esse tema.

Identifique como está a situação dos usos da língua de referência a partir de um dos níveis abaixo:

[4] Uso em expansão
[3] Uso estável
[2] Uso em retração
[1] Uso restrito
[0] Uso interrompido

Justificativa e detalhamentos:

[2] De certo modo, a língua Kwazá está em retração, devido ao crescimento de casamentos com pessoas não-falantes. Além disso, o uso do Português está tornando cada vez mais dominante.

➤ **Crie um quadro adicional para o português ou outra língua comunidade caso seja necessário**

5.4. Usos linguísticos especiais da língua de referência⁴

5.4.1 Identificação dos usos especiais

Identifique os tipos de usos especiais da língua de referência, ou seja, aqueles marcados por um valor cultural especial, destacados dos demais usos cotidianos na língua devido ao fato de ocorrerem em domínios sociais especiais e implicarem em uma manipulação dos repertórios linguísticos de forma diferenciada (tipos de cantos, tipos de narrativas, tipos de diálogos cerimoniais, etc. Consulte a seção 6). Faça a identificação baseada na autoidentificação da comunidade. Indique o nome (crie um se necessário), faça uma breve descrição das características formais e dos conteúdos expressos por esse tipo de uso e o domínio social no qual ocorre (onde/quando), como por exemplo, em festas tradicionais, no ambiente privado ou público, entre outros

Nome ou outra forma de identificação dos usos linguísticos especiais	Breve descrição das características formais e dos conteúdos de cada uso	Situações sociais onde tendem a ocorrer e pessoas que dominam essa forma de uso linguístico	Anexar / Fazer upload arquivos no acervo
<i>unĩteta'anãĩ</i>	histórias tradicionais na língua Kwazá	Alguns adultos sabem várias histórias. Contam a pedido do linguista e possivelmente para os filhos netos em casa.	[Observação: Gravação de 2014, anexada como DVD separado referindo a item "4.7.2 Hakai Dariya 2017"]

5.4.2 Caracterização da situação atual dos usos linguísticos especiais

Responda as questões a seguir para cada uso especial da língua identificado na questão anterior.

⁴ Consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

Uso linguístico especial	Qual a proporção de indivíduos que conhecem atualmente esse tipo de uso?	Qual a frequência relativa que as pessoas praticam esse tipo de uso linguístico?	Como está a transmissão desse tipo de uso linguístico?
<i>un̄teta'anãi</i>	<input type="checkbox"/> Muitas pessoas <input checked="" type="checkbox"/> Poucas pessoas <input type="checkbox"/> Ninguém	<input checked="" type="checkbox"/> Menos do que antigamente <input type="checkbox"/> Mais do que antigamente	<input type="checkbox"/> Não há pessoas aprendendo <input checked="" type="checkbox"/> Há um número decrescente de pessoas aprendendo <input type="checkbox"/> Há um número crescente de pessoas aprendendo

Utilize a tabela abaixo para esclarecer a situação atual dos usos linguísticos especiais

As histórias tradicionais são às vezes contadas por idosos para os netos e filhos interessados. As pessoas acham importante não perder esses usos especiais, mas têm dificuldade em evitar que isso aconteça.

6. Atitudes linguísticas da comunidade

Nesta seção estão explícitas duas questões sobre atitudes linguísticas dos falantes frente à língua de referência, mas vale lembrar que tais questões estão dispersas por todo o formulário, já que essa é a natureza do tema. Nos dois itens a seguir, espera-se que seja apresentado e discutido como as línguas funcionam (ou não) como referência cultural, como elemento de distinção e marcador de identidade(s) dos grupos (consultar Parte 2, seção 7, para maiores orientações sobre esse tema).

6.1 Grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência

Selecione a opção mais adequada, conforme as categorias propostas. Utilize o quadro de observações para problematizar a escolha e apresentar outros detalhes acerca do tema.

<input type="checkbox"/> Extremamente Positiva	A comunidade tem a língua como um importante valor sociocultural e procura se organizar para garantir o fortalecimento e a expansão dos usos sociais da língua
<input checked="" type="checkbox"/> Positiva	A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações
<input type="checkbox"/> Indiferente	A língua não é uma questão importante para a comunidade
<input type="checkbox"/> Negativa	A comunidade não tem a língua como um valor cultural, e, em geral, é contra iniciativas para apoiar a transmissão da língua na comunidade
<input type="checkbox"/> Cindida	A comunidade encontra-se dividida: uma parte da comunidade tem uma visão positiva e outra uma visão negativa ou indiferente da língua
<p>Observações Em geral, a comunidade não quer perder a língua Kwazá e lamenta que a língua tem tão poucos falantes. Muitos lamentam também a perda de vários aspectos da cultura, como festas, xamanismo, costumes comunitários, pintura corporal, etc., e acham que a língua também tem um valor cultural importante.</p>	

6.2 Atitude em relação às demais línguas

Caracterize em um texto analítico sucinto a atitude da comunidade linguística sobre as outras línguas faladas em seu território, incluindo o português (caso essa língua seja falada). Mencione, quando possível, exemplos de situações de contato linguístico, como empréstimos, diglossias, *code-switching*, entre outros.

A comunidade aceita a presença das outras línguas, Aikanã e Latundê, sem problemas. Português é dominado por todos e é considerado como língua muito importante para o contato com os não-indígenas e como instrumento para defender seus direitos.

Anexar / Fazer upload entrevistas/reuniões com falantes de referência

[Observação: Não foram feitas entrevistas com respeito a atitudes linguísticas. Anexei slides de uma apresentação de resultados preliminares do levantamento INDL numa reunião.]

7. Síntese

7.1 Língua dominante no território da língua de referência

Nesse momento, qual ou quais língua(s) a pesquisa identifica como dominante para a vida cotidiana e valores culturais na comunidade, incluindo os fatores consideradas nesse diagnóstico (aquisição, transmissão, usos, atitudes)? É possível estabelecer uma hierarquia entre as línguas nesse sentido?

Essa questão é uma síntese de todo o item “usos linguísticos”. Para responder essa questão sugerimos que a relevância social da língua seja avaliada com base nos seguintes critérios: 1) **Demografia**; 2) **Aquisição**; 3) **Domínios sociais**; 4) **Valor cultural**. Conferir Parte II, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

[**Obs. HV:** Parece que esta questão não concerne à comunidade de referência ou da língua, mas somente o “território” onde a língua de referência é falada. Esta resposta é baseado nessa presunção.]

Língua 1	Aikanã
Língua 2	Português
Língua 3	Kwazá, Latundê

Justificativa: Com base no aspecto quantitativo da demografia, Português é dominante. Existem mais falantes do Português no território da língua de referência do que falantes da mesma. Porém, quando se fala do “território” do Kwazá, se deve levar em consideração o fato que tal território não existe sem as línguas Kwazá.

Com respeito à aquisição, uma pequena minoria da comunidade no território da língua de referência adquire o Kwazá como língua primeira/materna/nativa, e Português como língua primeira fora da casa.

Com respeito ao valor cultural do Kwazá, isso concerne somente o povo que vive nesse território. Além disso, esse valor é maior para a comunidade de referência, porque identifica ela culturalmente.

Em termos de domínios sociais, o Kwazá é menos representado do que Português ou Aikanã, porque essas duas últimas línguas ambos são falados na maioria dos domínios. Somente no contexto de uso dentro de algumas famílias, o Kwazá não pode ser substituído pelo Português ou pelo Aikanã sem constrangimento.

7.2 Panorama das línguas em contato

No campo abaixo, apresente uma breve análise e discussão de como diferentes línguas coexistem na área de abrangência da pesquisa. Utilize como guia as questões abaixo, além de outras consideradas pertinentes.

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?
- As famílias nucleares e as comunidades tendem a ser multilíngues?
- Existe(m) língua(s) francas para a comunicação entre os grupos?
- Como as diferentes línguas circulam nos espaços de convivência social na região?
- Há línguas que estão em risco devido ao aumento no uso de outras línguas?
- Há elementos linguísticos e/ou comportamentos verbais recorrentes entre as línguas? Quais?

Considerando a comunidade linguística como “área de abrangência de pesquisa”, tem três lugares diferentes onde a língua de referência é falada: (1) T.I. São Pedro; (2) T.I. Tubarão-Latundê; (3) as cidades onde moram falantes do Kwazá.

(1-2) Em princípio as línguas indígenas coexistem pacificamente, não são desrespeitadas, e há várias pessoas e famílias nucleares bilíngues e ainda algumas trilíngues. Português é a língua franca quando um dos interlocutores não entende a língua indígena do outro. As línguas minoritárias Kwazá e Latundê são faladas em determinadas localidades enquanto as línguas majoritárias são faladas na maioria das localidades. As línguas minoritárias, talvez especialmente o Latundê, estão sofrendo pressão do Português. A língua Salamã é uma língua adormecida, que está sendo parcialmente lembrado por uma senhora idosa bilíngue Aikanã-Português na T.I. Tubarão-Latundê.

(3) As línguas indígenas são somente faladas no círculo familiar ou em encontros entre falantes. Os não-indígenas nas cidades não conseguem identificar quais línguas que são e, se foram informados, não sabem nada com respeito a elas. O Português funciona como língua franca enquanto as línguas indígenas têm a capacidade de funcionar como línguas segredas. Em Porto Velho tem ainda uma idosa falante do Português que lembra um pouco do Salamã.

Com respeito a interferência entre as línguas em contato envolvendo Kwazá foram publicados vários trabalhos, como essencialmente Crevels & van der Voort (2008) mencionado em 3.3.1. e van der Voort (2005). Traços individuais de contato envolvendo também Kwazá foram tratados em outras publicações por van der Voort, como (2009a) sobre estruturas possessivas, (2009b, 2013, 2016b) sobre construções de citação, e (2015, 2018) sobre classificadores.

Módulo 6

Avaliação da vitalidade linguística, revitalização e promoção

Este módulo do formulário consolida o diagnóstico da vitalidade linguística e das ações existentes e futuras de valorização e promoção da língua.

1. Ações de revitalização e promoção

Nos campos a seguir, identifique e caracterize ações de valorização e promoção da língua de referência já existentes e outras indicadas pela comunidade como demandas (consultar Parte 2, seção 9, para maiores orientações sobre o tema).

1.1 Identificação e caracterização de ações de revitalização e promoção

- Identifique e caracterize as principais ações de valorização e promoção que a língua possui atualmente

No quadro a seguir, utilizando quantas linhas forem necessárias, identifique as ações de valorização ou promoção nas quais a língua esteja envolvida atualmente ou que tenham ocorrido recentemente. Para tal, denomine a ação (como encontro de falantes; oficinas para elaboração de material didático; etc); os atores envolvidos, ou seja, quem participa dessas ações, como professores; agentes de saúde; etc; as atividades desempenhadas e demais observações pertinentes a essas ações.

Denominação da ação	Atores envolvidos	Atividades desempenhadas	Observações
língua indígena	professores indígenas, sabedores indígenas, alunos	ensino com respeito à língua indígena em uma escola	os alunos aprendem escrever um pouco de Kwazá e Aikanã
Licenciatura Intercultural	professores indígenas, pedagogos, professores da UNIR	formação em nível superior de professores de escolas indígenas	licenciatura em educação básica intercultural e bilíngue
documentação de língua e cultura	pessoas interessadas; pesquisadores do Museu Goeldi	entrevistar; gravar; traduzir; orientar	tanto o trabalho quanto os resultados em forma de CDs ou DVDs podem ajudar no ensino escolar e reforçar o valor da língua e o respeito para os sabedores

1.2 Propostas da comunidade para a salvaguarda da língua

- Identifique, em quantas linhas forem necessárias, as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, explicitando para cada uma delas a sua justificativa, seu nível relativo de prioridade em relação às demais demandas, as ações necessárias esperadas, os atores potenciais (quem seria mobilizado para tal iniciativa), as pessoas ou instituições a quem devem ser encaminhadas as demandas e demais observações pertinentes.

[Obs. HV: não há propostas concretas.]

Propostas	Justificativa	Prioridade	Ações necessárias	Pessoas ou instituições a serem encaminhadas as demandas	Observações
Documentar língua e cultura.	Conhecimento especial da língua e cultura tradicional está desaparecendo.	[X] Alto [] Médio [] Baixo	Documentação e análise científica de língua e cultura. Disponibilizar os resultados ao povo Kwazá.	Museu Goeldi	Após de um projeto de documentação, pesquisadores do Museu Goeldi estão agora trabalhando num projeto que visa a disponibilização dos resultados numa forma acessível.

2. Vitalidade linguística

A classificação das línguas na escala de vitalidade linguística deve seguir três passos básicos: 1. A determinação do índice de GRAU DE TRANSMISSÃO e DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA, critérios respectivamente primário e secundário; 2. A percepção da relevância dos critérios adicionais; 3. A indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua. A combinação dos critérios primário e secundário definem a priori certas possibilidades de classificação das línguas, mas não são critérios absolutos. Conforme se vê na tabela a seguir, alguns graus são idênticos com relação aos critérios primário e secundário. Cabe às equipes executoras dos inventários interpretar os critérios adicionais para decidir o grau (mais ou menos) preciso em que a língua se encontra (consultar Parte 2, seção 10, para maiores orientações sobre os níveis e critérios de classificação das línguas).

2.1 Grau de vitalidade da língua

Selecione a alternativa adequada para aferir o grau de vitalidade da língua de referência. Utilize a tabela a seguir para essa seleção.

<input type="checkbox"/> 6 Forte
<input type="checkbox"/> 5 Vulnerável
<input type="checkbox"/> 4 Ameaçada
<input checked="" type="checkbox"/> 3 Severamente Ameaçada
<input type="checkbox"/> 2 Desaparecendo
<input type="checkbox"/> 1 Adormecida
<input type="checkbox"/> 0 Extinta

GRAU DE VITALIDADE	CORRELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS		
	TRANSMISSÃO DA LÍNGUA	DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA	ADICIONAIS
6-Forte	ESTÁVEL	EM EXPANSÃO	a) Tamanho populacional para falantes nativos e potenciais b) Graus de atitude c) Situação escolar d) Qualidade e Quantidade de Documentação sobre a língua e) Falantes de Referência <i>outros...</i>
5-Vulnerável	ESTÁVEL	ESTÁVEL	
4-Ameaçada	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
3-Severamente Ameaçada	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
	INTERROMPIDA	RESTRITO	
2-Desaparecendo	INTERROMPIDA	RESTRITO	
1-Adormecida	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	
0-Extinta	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Há falantes potenciais em um bom número
			Não há falantes potenciais

2.2 Fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua

Descreva em um breve texto analítico os principais fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua.

Kwazá é uma língua severamente ameaçada. Apesar da transmissão da língua e a manutenção da língua em certos domínios de uso, menos de 40% da comunidade de referência falam a língua fluentemente. Além disso, a transmissão não é garantida no futuro iminente, porque as possibilidades de se casar dentro da comunidade de referência se esgotaram. Além disso os domínios de uso existentes estão ameaçados, porque em uma família etnicamente Kwazá o uso a língua é desestimulado pelo *pater familias* que não é falante. Em adição a esses fatores de ameaça iminente há ainda a falta de material educacional para a sobrevivência da língua dentro de uma

cultura que está cada vez mais adaptada ao meio escrito e a falta de recursos financeiros e humanos para criar tal material. Finalmente acesso às terras originárias são um fator importante, como mostra o exemplo da língua Aikanã: na T.I. Cassupá/Salamã no km 5,5 de Porto Velho tem uma falante (falecida em 2018) e a língua sobrevive somente nas T.I.s no sudeste de Rondônia. Infelizmente vivemos em um período onde a integridade fundiária até das terras de origem está sendo ameaçada no nível político estadual e federal, e a sua integridade ecológica está sendo ameaçada pela sociedade envolvente (madeireiros, garimpagem, pesca ilegal, desmatamento) em todos os níveis.

Referências bibliográficas usadas nos textos deste levantamento

Observação: Esta lista foi compilado independente do que está nos “recursos documentais” listados em Módulo 4.7.

- AIKANÃ, ELIETE INUTE URURUMH, ELENICE DADÜ NUNIPA AIKANÃ, ELISÂNGELA TUTUWA AIKANÃ, VANUZA DADÜ PIZAMH AIKANÃ, VALDEIZA TXIRIPE AIKANÃ KWAZA, VALERIA AWAWA PEKENA'E AIKANÃ KWAZA, VALDEIR MUIDE ARÛNUNA'I AIKANÃ, JOVENILSON WARI MARCELINO KWAZA, EVERSON MASAKA AIKANÃ KWAZÁ, FABIANO DUKARIA PEPE'I AIKANÃ KWAZA & MARIA BARCELLOS. 2019. *Nós, Kwazá Aikanã: nossa terra e as mudanças no clima - Sate Kwaza Aikana i'ene: satezũ dü berü'apene'i*. S. l.: Forest Trends/USAID.
- ANONBY, STAN. 2009. Language use on the Tubarão-Latundê reserve, Rondônia, Brazil. SIL International. <<https://www.sil.org/resources/publications/entry/9020>>
- CARLSON, HARVEY. 1985. Report on linguistic fieldwork in Brazil. Manuscrito. 10 pp.
- CASTRO FARIA, L. DE. 2001. *Um outro olhar: diário da expedição à Serra do Norte*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- COMUNIDADE AIKANÃ, WILLEM DOELMAN & HEIN VAN DER VOORT. 2010. *Mapa etno-histórico dos Aikanã*. Amsterdam: avulso.
- CREVELS, MILY & HEIN VAN DER VOORT. 2008. The Guaporé-Mamoré region as a linguistic area. In: Pieter Muysken (org.), *From linguistic areas to areal linguistics*, Amsterdam: John Benjamins. p. 151-179.
- DEQUECH, VICTOR. 1942. Trabalhos da Comissão do Urucumacuan nos rios Apediá e Corumbiára. Mapa manuscrito.
- DEQUECH, VICTOR. 1943. Comissão para o estudo das jazidas auríferas do Urucumacuan: Relatório apresentado pelo eng. de minas e civil Victor Dequech. Datilografia, 38 pp. Rio de Janeiro: Divisão de Fomento da Produção Mineral.
- DEQUECH, VICTOR. 1988-1993. A expedição Urucumacuan, Notas do Diário de Viagem 1941-1943. *Alto Madeira*, 3 & 4 julho 1988, 2:1-4; 11 & 12 dezembro 1988, 3:1-4; 30 & 31 maio 1993, 3:1-4; 10 & 11 junho 1993, 3:1-6.
- GALVÃO, JANE L. F. 1980. Relatório de Identificação de Área Indígena dos Aikaná do Território Federal de Rondônia. Datilografia, 142 pp. Rio de Janeiro: FUNAI, arquivo do Museu do Índio.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). 2018. Terras Indígenas no Brasil. <<https://terrasindigenas.org.br/>>
- MÁDEE, KHKÂU & HEIN VAN DER VOORT. 2002. *näiyãta erewe'aki txananãi / Assim se escreve na nossa língua: kwazadihã erewexinite / O livro do Kwazá*. Amsterdam: avulso.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1938. Vocabulaires de trois langues: Kabišiana, Kepkiriuat et de São Pedro. Manuscrito. Praha: Arquivo do Prof. Čestmír Loukotka.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1955. *Tristes tropiques*. Paris: Librairie Plon.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1994. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. 1995 [Sem título]. Manuscrito e carta de 25-12-95, 3 pp. Paris.
- LÜPKE, FRIEDERIKE, KRISTINE STENZEL, FLORA CABALZAR, THIAGO CHACON, ALINE DA CRUZ, GLAUBER ROMLING DA SILVA, BRUNA FRANCHETTO, ANTONIO GUERREIRO, SÉRGIO MEIRA, LUCIANA STORTO, HEIN VAN DER VOORT, RACHEL WATSON, WILSON SILVA. no

- prelo. Comparing rural multilingualism in Lowland South America and Western Africa. [aceito no *Anthropological Linguistics*].
- MALDI, DENISE. 1991. O Complexo Cultural do Marico: sociedades Indígenas dos Rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do Médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Antropologia)*, 7(2): 209-269.
- MANSO, LAURA VICUÑA PEREIRA. 2013. *Dicionário da língua Kwazá*. Porto Velho: SEDUC.
- MELATTI, DELVAIR MONTAGNER. 1976. Delimitação de reserva: uma difícil tarefa. Datilografia, 9 pp. Brasília: Arquivo da FUNAI.
<<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/AID00001.pdf>>
- REESINK, EDWIN. 2012. *Allegories of Wildness: three Nambikwara ethnohistories of sociocultural and linguistic change and continuity*. Amsterdam: Rozenberg Publishers.
- RONDON, CÂNDIDO MARIANO DA SILVA. 1916. *Conferencias realizadas nos dias 5, 7 e 9 de Outubro de 1915 pelo Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, no Theatro Phenix de Rio de Janeiro sobre trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegráfica*. (Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas, Publicação no. 42.) Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger.
- RONDON, CÂNDIDO MARIANO DA SILVA & JOÃO BARBOSA DE FARIA. 1948. *Glossário Geral das tribos silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil*. Tomo I, Publicação no. 76 da Comissão Rondon, Anexo no 5 - Etnografia. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
- SOUZA, LUIZ FERNANDO MACHADO DE. 1999. Resumo do relatório de identificação de delimitação da Terra Indígena Kwazá do Rio São Pedro. *Diário Oficial da União*, 21, 1º fevereiro 1999, Seção 1, p. 18-20.
- VOORT, HEIN VAN DER. 1996. *A identificação dos Índios da região São Pedro*; relatório duma viagem para o rio São Pedro, no município de Pimenta Bueno, nas dias 06 e 07 de Julho 1996. Manuscrito + anexos no arquivo FUNAI-DAF, Brasília. Vilhena, ms. 9 p.
- VOORT, HEIN VAN DER. 1997. Índios redescobertos, in: *Parabólicas: Publicação mensal do Instituto Socioambiental*, abril 1997, No. 28, p. 6, São Paulo. [reimpresso com fotos em *Povos Indígenas no Brasil 1996/2000, 2001*]
<<http://www.socioambiental.org/website/parabolicas/edicoes/edicao28/index.htm>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2004. *A grammar of Kwaza*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2005. Kwaza in a comparative perspective, in: *International Journal of American Linguistics*, 71 (4): 365-412.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2008. Claude Lévi-Strauss' møde med Kwazá-indianere i 1938 og sprogvidenskabens betydning for samfundet", in: *Jordens Folk*, 43 (3): 34-43.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2009a. Possessive expressions in the Southwestern Amazon. In: William B. McGregor (org.), *The expression of possession*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 343-388.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2009b. Reduplication and repetition of person markers in Guaporé isolates, in: *Morphology*, 19 (2): 263-286.
<<http://www.springerlink.com/content/1545301353748536/fulltext.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2009c [1998]. Kwazá. In: FANY PANTALEONI RICARDO (org.), *Enciclopédia dos povos indígenas no Brasil*, São Paulo: Instituto Socioambiental. [versão revisado]. <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kwaza>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2013. Fala fictícia fossilizada: o tempo futuro em Aikanã, in: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, 8 (2): 359-377.
<<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n2/09.pdf>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2015. Sistemas de classificação nominal no Sudoeste amazônico, in: *Moara - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, 43 (2): 5-22.
<<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3836/3861>>
- VOORT, HEIN VAN DER. 2016a. Aikanã and Kwaza: their ethno-historical and sociolinguistic context in Rondônia, Brazil. In: Luna Filipović & Martin Pütz (orgs.), *Endangered languages and languages in danger: issues of documentation, policy, and language rights*. Amsterdam: John Benjamins, p. 203-230.

- VOORT, HEIN VAN DER. 2016b. Recursive inflection and grammaticalized fictive interaction in the southwestern Amazon. In: ESTHER PASCUAL & SERGEIY SANDLER (Orgs.), *The Conversation Frame: forms and functions of fictive interaction*. Amsterdam: John Benjamins, p. 277-299.
- VOORT, HEIN VAN DER. 2018. Development and diffusion of classifier systems in Southwestern Amazonia. In: WILLIAM B. MCGREGOR & SØREN WICHMANN (Orgs.), *The diachrony of classification systems*. Amsterdam: John Benjamins. p. 201-240.
- ZACK, ESTANISLAU (STANISLAV ZACH). 1943. Turma de exploração no Oéste de Mato Grosso: relatório; vocabulário das tribus Massacá, Salamãin, Coaiá e Canoê. Rio de Janeiro: Arquivo do Museu do Índio. Manuscrito, 19 pp.